

Minhas Memórias, CASA PORTUGUESA



MARIANA BRANDÃO



Orientação

Profº. Dr. Rogério Pereira Borges

Revisão e edição

Mariana Beatriz Correia Brandão

Maria Victória Pereira da Silva

Diagramação

Maria Victória Pereira da Silva

Capa

Maria Luisa Antunes Campos

BRANDÃO, Mariana. Minhas Memórias, Casa Portuguesa.

Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), 2023.

151 pgs. 14x21 cm.

1. capítulo I; 2. capítulo II;

3. capítulo III; 4. capítulo IV;

5. capítulo V

Esta obra é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito final para a conclusão do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, orientada pelo professor Doutor Rogério Pereira Borges.

[2023]

MARIANA BRANDÃO

Minhas Memórias, CASA PORTUGUESA

RELATOS DE QUEM ENCONTROU LAR NAS RUAS DO PORTO



Àqueles que residem, que visitam, que
desbravam as ruas e que contemplam
cada azulejo. Esta narrativa é dedicada a
todos que, de alguma maneira, teceram o
Porto em suas próprias histórias.

Um abraço literário à alma portuense!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu amigo Jesus. Obrigada, Pai. Obrigada por ter colocado as nações como quintal da minha casa. Obrigada por ter me dado asas para voar e enchido meu coração dos seus sonhos. Obrigada pela oportunidade, por cada porta aberta e por cada não. Como eu cresci e me desenvolvi, como eu me conheci, como eu conheci Você. Deus realiza sonhos e sustenta tudo o que promove, Ele é fiel!

Agradeço ao meu papai, o homem da minha vida, aquele que me ensinou a ser amada e cuidada como uma rosa. Obrigada por confiar em mim, por prover e dar-me um destino. Agradeço por ter me levado a Portugal pela primeira vez quando adolescente, trazendo o horizonte até mim.

Agradeço à minha doce e forte mamãe, meu exemplo de vida, minha consultora e fiel confidente. Obrigada por me fazer forte, por me preparar para o mundo e me ensinar a amar de forma terna. Obrigada por me impulsionar e me deixar voar. Ainda voarás comigo.

Agradeço a toda a minha família: irmãs, cunhado, tias, tios, primas e a todos que, de certa forma, torceram por mim, oraram por mim nos momentos difíceis e sentiram verdadeira saudade de quem sou.

Agradeço aos meus incríveis amigos que sempre enviaram mensagens de carinho, vibraram com cada conquista e não me deixaram esquecer quem sou. Uma gratidão especial à Karol, minha parceira de intercâmbio e trajetória, aquela que me consolou, me motivou, me podou e me fez madurar; e à Mavi, amiga e redatora, agradeço por ter arrancado sorrisos de mim nos tempos mais difíceis. Sem você, este trabalho não seria possível.

Agradeço também aos meus amigos portuenses, amigos brasileiros e de todas as nacionalidades que lá conheci; vocês tornaram essa experiência incrível. Expresso minha gratidão à família portuense do coração que ganhei: Sara, Daniel, Duda, Manoel, Dudinha e Thor. Amo vocês!

Capelinhas, obrigada! (elas saberão)



ÍNDICE

AGRADECIMENTOS 6

A GOIANA APAIXONADA POR PORTUGAL 9

PREFÁCIO 14

AS FOTOGRAFIAS 17

CAPÍTULO I

INVICTA 21

HISTÓRIA DAS RUÍNAS 26

AS ESTAÇÕES 31

MARAVILHAS NATURAIS E MONUMENTAIS 36

CAPÍTULOS II

EXPLORANDO HORIZONTES 52

A GRANDE UNIVERSIDADE DO PORTO 72

CAPÍTULO III

BANQUETE LITERÁRIO 79

A TÍPICA FRANCESINHA 93

VINHO DO PORTO 99

CAPÍTULO IV

DESAFIOS HISTÓRICOS 110

DONA MARIA 117

RESISTÊNCIA NO PORTO 119

FIM DO REGIME 122

PÓS-REVOLUÇÃO E A MEMÓRIA 124

CAPÍTULO V

ARTE E CULTURA 130

DANÇA 136

CRÔNICA - GUERRA DE AMAR 145

A goiana apaixonada por Portugal

Mariana Brandão, a garota goiana apaixonada por Portugal. A garota do mundo, que sempre teve o sonho de fazer um intercâmbio e de conhecer coisas novas. Tem sede do novo e aproveita as oportunidades que surgem em sua vida. A garota com cabelo de oceano batalhou para realizar seu sonho. Trabalhando como call center, produtora de rádio e até com estética junto com sua tia, pagou um curso de inglês e conseguiu juntar dinheiro para a viagem. Mesmo que para isso tenha vendido praticamente todas as suas roupas.

A paixão por Portugal veio através de seu pai, que morou no país por 3 anos e tem família lá. Passou 1 ano vivendo intensamente seu sonho. Apesar de ser humilhada por portugueses simplesmente por ser brasileira, não deixou se abalar. A garota goiana apaixonada por Portugal amadureceu e aprendeu a ser mulher. Passou a morar sozinha, trabalhar, pegar transporte público e até criou coragem e chamou um garoto alemão para um encontro. Também teve desilusões amorosas, que logo transformou em texto metafórico carregado de sentimentos. Até em uma adega de vinhos trabalhou, mesmo não bebendo álcool.

A garota goiana apaixonada por Portugal fez muitas amizades e até uma segunda família, que a recebeu como uma verdadeira filha. Foi cuidada, amada e até ganhou festa de aniversário. Enquanto

estava lá, passou por momentos de aflição quando soube que seu pai, sua referência de força, havia ido parar na UTI no Brasil. A garota se agarrou à religião para suportar esse momento.

Nascida em Goiânia em 2001, ama escrita, a área de recursos humanos e liderança. Aprendeu a gostar da área depois de sempre ser escolhida para liderar alguma coisa na igreja. Falando em igreja, é uma cristã desconstruída. Sentimental e divertida, adora conversar e contar histórias, principalmente de sua viagem.

A indecisão também faz parte de sua vida, até nos momentos mais simples, como ao escolher um lanche (quem consegue mudar de opinião quatro vezes na hora de pedir comida?). Amante de canções antigas, principalmente de Elvis Presley, viu a paixão pela música entrar em sua vida trazida pelo avô, por quem tinha grande amor e afeto. Por ele era chamada de “rosa branca”, sua rosa favorita.

A garota com amor incondicional pela família, fala neles o tempo todo. Possui quatro irmãs, apesar de ser mais próxima de apenas duas. Com a mãe tem uma linda relação, presenciada enquanto enviava áudios, a chamando de “mamãe” o tempo todo. A escolha pelo curso de Jornalismo, inclusive, passa pela relação com uma de suas irmãs.

Quando mais nova, pensava em fazer Direito por causa de um professor de História do Ensino Fundamental que ela admirava

muito. Até que um dia encontrou uma apostila da irmã falando sobre Gutenberg. Se apaixonou pelo Jornalismo e definiu seu curso.

A garota que gosta de mídias, ama todas as expressões de arte, ainda que tenha menos intimidade com a pintura. Faz dança, toca violão, canta e já fez teatro. Adora fazer amizades, dar conselhos e ajudar outras pessoas, mesmo que seja um desconhecido dentro de um ônibus. Já chegou a pegar o contato de um homem a quem incentivou a buscar emprego para poder “cobrá-lo” a seguir seus conselhos. Sempre gostou de ser destaque, por isso se dedica tanto, principalmente aos estudos.

A garota goiana apaixonada por Portugal voltou ao Brasil e sente saudades do país luso e das amizades feitas. Gosta de Goiânia, mas sente que está regredindo ao voltar a morar com os pais e depender exclusivamente deles. A paixão é tanta que quis fazer um livro em seu TCC com a temática Portugal e Brasil.

Para o futuro próximo, pretende construir sua carreira, crescer como pessoa e aproveitar as oportunidades que recebe. Mais para frente, deseja se casar e ter filhos, aproveitando o seu amor por crianças. Um de seus sonhos é de criar uma faculdade voluntária com cursos de menor duração voltados para pessoas carentes que necessitam de oportunidades. Deseja ser uma geradora de oportunidades para poder retribuir às pessoas que lhe ajudaram durante a vida, inclusive durante sua ida para o intercâmbio.

A garota goiana apaixonada por Portugal veio ao mundo para mudá-lo e fazer o bem ao próximo. É livre para voar e seguir seu próprio caminho, *indo atrás de seus sonhos*.

EDUARDO BERNARDO

MEU AMIGO E TAMBÉM JORNALISTA.

AQUELE QUE ME LEU ASSIM QUE REGRESSEI DO PORTO.





PREFÁCIO

O PORTO QUE VIVE EM MIM,
ETERNIZADO EM PALAVRAS.



Ensaiei muito para começar de fato a escrever o livro que tens em mãos no presente momento. Coloquei o máximo de empecilhos possíveis em como seria a divisão de capítulos, em quais seriam os entrevistados, qual narrativa se encaixaria melhor, como estruturaria os textos e outros diversos paradigmas criados em minha cabeça para mim mesma. No surgir inicial da temática, acreditava que falar do Porto seria fácil, já que experenciei na pele a vida em solo portuense, porém com o passar dos dias tudo me parecia um emaranhado de fios.

A vida parecia a descrição do meu amigo Guimarães Rosa: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”. Foi se tornando quase impossível escrever, pois queria relatar a cidade de forma distante e analítica, com dados e demais formalidades e científicidades. Não funcionou, pois o Porto não me é objeto de estudo, mas Casa.

Precisei distanciar-me da ilha de desespero em que estava, olhar-me nos olhos do espelho, ser honesta com meu “eu”, assumir o medo que tinha. Tinha demasiado medo de remexer na série mais bela que a vida me permitiu viver até então. Dói não poder voltar. Voltar aos braços dos amigos que fiz, da família que me acolheu, dos banhos de mar, da caminhada em meio às casas coloridas, com o vento a bagunçar meus cabelos.

Meu coração é casa. Diversos quartos. Alguns arrumados, iluminados, destrancados... e outros nem tanto. Juntei toda coragem

que tinha e que fingi ter, peguei um avião de volta ao peito, precisei até de um mapa para chegar ao quarto número 7, porta verde com uma placa vermelha, nomeada: “Casa Portuguesa”. O que me levou até o aeroporto? Uma frase, de uma colega jornalista: “Acima de tudo, esse livro é para você! Um memorial de uma das partes mais importantes da sua vida até agora”.

Encontrei propósito propulsor: Eternizar minhas memórias do Porto. Apesar de doer abrir as gavetas, janelas e portas da “Casa Portuguesa”, as memórias são um lugar de refúgio, um ponto de paz acessado quando tudo parece ficar cinza e enferrujado. Perdi conta das vezes que trouxe à memória obstáculos que venci e sonhos que realizei tentando reabastecer-me com força e esperança para prosseguir sobre os dias monótonos e pesados que tentam esmagar as conquistas das infinitas possibilidades e habilidades que desabrocharam em mim.

Um memorial está em suas mãos. Cuide dele, leia com carinho, reviva comigo! Segure em minhas mãos que vou te guiar ao Porto que há em mim.

Aproveite a viagem!



AS FOTOGRAFIAS

A princípio, acredito ser importante explicar a dinâmica das fotografias presentes neste livro. Sabe-se que elas são fator fundamental na memória e que, por meio delas, há uma maior descrição da vivência, pois se aproximam da realidade que intenta ser transmitida.

“A FOTOGRAFIA É A ÚNICA “LINGUAGEM” ENTENDIDA EM TODA PARTE DO MUNDO E QUE, AO INTERLIGAR TODAS AS NAÇÕES E CULTURAS, UNE A FAMÍLIA HUMANA. INDEPENDENTE DA INFLUÊNCIA POLÍTICA — ONDE AS PESSOAS FOREM LIVRES —, ELA REFLETE FIELMENTE A VIDA E OS FATOS, PERMITE-NOS COMPARTILHAR AS ESPERANÇAS E O DESESPERO DOS OUTROS E ESCLARECE AS CONDIÇÕES POLÍTICAS E SOCIAIS. TORNAMO-NOS TESTEMUNHAS OCULARES DA HUMANIDADE E DA DESUMANIDADE DA ESPÉCIE HUMANA [...]”

— HELMUT GERNISHEIM, EM FOTOGRAFIA CRIATIVA, 1962

A integração de fotografias desempenham aqui um papel crucial ao complementar o texto e enriquecer a experiência ao que lê. Essas imagens têm a capacidade única de ilustrar cenas, personagens e locais mencionados na narrativa, oferecendo uma perspectiva visual do mundo delineado por mim. Essa simbiose entre fotografia e literatura cria uma experiência envolvente, proporcionando ao leitor uma compreensão mais profunda e imersiva nos relatos aqui trazidos .

A representação resultante desse processo assemelha-se a uma mensagem originada pelo emissor e interpretada pelo receptor, ou

seja, o sujeito. Trata-se de uma forma de comunicação que transmite experiências, narrativas, elementos cotidianos e outros aspectos.

Desde o seu surgimento no século XIX, a fotografia tem desempenhado um papel crucial na representação do mundo e no compartilhamento de conhecimento. Em seu livro "A fotografia como documento social", Boris Kossoy diz: "As fotografias, como todos os documentos, monumentos e objetos produzidos pelo homem, têm atrás de si uma história". Ela registra eventos históricos ou culturais, fornecendo contexto adicional e aprimorando a autenticidade da narrativa.

O clique marca o desfecho do processo fotográfico. Inicialmente, aquilo que é capturado atrai a atenção visual e imediatamente instiga uma reflexão sobre a imagem percebida. Surge, assim, uma interdisciplinaridade entre o objeto fotografado e a carga simbólica do fotógrafo. Muitas vezes, essas imagens carregam perspectivas e ideologias, demandando uma análise crítica do contexto histórico e social em que foram produzidas.

Embora as fotografias que eu apareço sejam provenientes de outros autores, as demais foram capturadas por mim, com um olhar carregado de emoção. Aqueles que autorizaram a inclusão de suas fotos nesta obra serão cativados por meio do fotojornalismo, uma modalidade que se vale de imagens para contar histórias e transmitir informações. As imagens que compartilho aqui servirão como lampejos de memória, ilustrações que evocam o real visível

através do meu olhar. Em conjunto, elas serão complementadas por citações de diversos autores que exploram a temática da memória.



CAPÍTULO I



Invicta

O vocábulo "Porto" deriva do latim "*Portus Cale*". Essa designação deu nome ao país — e por isso dizem que o Porto deu o nome a Portugal — e também à cidade. Esse nome masculino significa, inicialmente, "passagem" ou "abertura", a costa onde os navios podem fundear. A meu ver, Portugal traz em sua geografia o formato de uma pequena porta, um portal não apenas para o país e o restante da Europa, mas para um lugar de descobertas, desafios, deleite e proteção, que abriga e refugia aqueles que adentram novas realidades e perspectivas, tanto que possui sua própria marca.



A MARCA "PORTO." FOI LANÇADA EM SETEMBRO DE 2014 E GANHOU ALGUNS PRÊMIOS, COMO ED AWARDS, D&AD AWARDS E GRAPHIS.

ARTE, DESIGN E ARQUITETURA ESTÃO ESPALHADOS POR AÍ QUE PARECE ATÉ QUE A CIDADE É UM MUSEU AO AR LIVRE. E NÃO DÁ PARA IGNORAR A IDENTIDADE VISUAL DELA, É A MARCA REGISTRADA DESSE LUGAR.

Assim como muitos possuem apelidos, o Porto é qualificado e conhecido como "Invicta", não como um anacronismo, mas por seu espírito invencível. Lá não há registros de ataques significativos,

além da tomada pelos mouros em 715. A segunda capital portuguesa saiu ilesa, inclusive, do Terrível Terremoto de 1755, que destruiu grande parte de Lisboa e provocou o desaparecimento de algo em torno de um a dois terços de seus habitantes.

Dentre esses eventos, temos o Cerco do Porto, que estava mais para um conflito familiar. Uma das principais figuras desse momento é Dom Pedro I, também conhecido como Pedro IV em Portugal, uma figura de importância central durante o período do Cerco e das Guerras Liberais, que tiveram lugar em Portugal entre 1832 e 1834. Sua presença e ações durante esse tempo foram essenciais tanto para a história do Brasil quanto para a de Portugal.

Dom Pedro I desempenhou um papel fundamental na história brasileira, sendo reconhecido como o fundador do Império do Brasil em 1822, após proclamar a Independência do País em relação a Portugal. Sua permanência no Brasil foi marcada por uma série de acontecimentos cruciais, incluindo a sua coroação como imperador e as lutas políticas e sociais que moldaram os primeiros anos do império. Enquanto isso, em Portugal, ele era conhecido como Dom Pedro IV. Sua intervenção durante as Guerras Liberais refletiu o desejo de restaurar o trono português para sua filha, D. Maria.

O evento mais marcante para essa sua designação foi a guerra civil portuguesa, que ocorreu entre 1832 e 1833, desencadeada por tensões dinásticas entre os partidários de D. Pedro IV e D. Miguel,

na qual o Cerco do Porto assumiu um papel central. Os irmãos lutaram como representantes de concepções opostas de sociedade.

D. Miguel defendia o sistema absolutista, baseado na crença de que o rei era escolhido por desígnio divino e detinha todo o poder. Por outro lado, os defensores das ideias liberais, influenciados pelas Revoluções Americana e Francesa, sustentavam a liberdade, a igualdade e a fraternidade como princípios fundamentais. Para eles, o rei era um representante designado pela sociedade, não por Deus, com um papel de mediador.

Dom Pedro I (no Brasil) e IV (em Portugal) sempre teve uma relação de rivalidade com seu irmão D. Miguel. Ao permanecer no Brasil após o retorno do pai de ambos, D. João IV, a Lisboa, D. Pedro viu o trono que lhe pertencia ameaçado pelo irmão após a morte do rei português. O imperador brasileiro buscou entronizar sua filha, D. Maria em seu lugar, mas encontrou resistências por parte de D. Miguel, que reivindicava a coroa para si. Um acordo entre os dois chegou a ser estabelecido, com D. Pedro dando a mão de D. Maria a D. Miguel. Na época, não era incomum casamentos entre tios e sobrinhas.

O entendimento, porém, não foi honrado por D. Miguel, fazendo com que D. Pedro buscasse reparação para a filha. Ele, então, sai do Brasil, deixando em seu lugar seu primogênito, D. Pedro II, que na época era uma criança, e se dirige a cortes europeias, como a Inglaterra e a França, em busca de apoio para a

guerra contra D. Miguel. Só então, ele vai para Portugal combater as tropas miguelinas e tentar entronizar sua filha mais velha. Portanto, ele não desejava o trono para si, algo que realmente não veio a ocorrer de fato até sua morte.

Em sua chegada à Praia da Memória, próximo ao Porto, em 1832, D. Pedro IV trouxe consigo uma modesta força de 3 mil homens com o objetivo claro de restaurar o trono para sua filha, D. Maria. A cidade do Porto tornou-se um ponto central de resistência contra as forças de D. Miguel, estabelecendo-se como um símbolo de defesa e legitimidade. Ao longo de mais de um ano de cerco, as tentativas de tomar a cidade falharam repetidamente, com os ataques vindos de Vila Nova de Gaia, a cidade vizinha, na outra margem do Rio Douro, sendo repelidos de maneira eficaz. D. Pedro IV permaneceu no Mirante da Vitória, hoje um ponto turístico da cidade, supervisionando a situação e coordenando as operações militares durante aquele período tenso.

O desfecho do conflito só ocorreu após uma manobra militar por parte de D. Pedro IV que pegou o irmão de surpresa. Com as batalhas concentradas nos arredores do Porto, Lisboa ficou desguarnecida. D. Pedro, então, percebeu a falha do inimigo e se aproveitou dela. Uma frota saiu, por mar, do litoral portuense, se afastou da costa e depois retornou já na altura da foz do Rio Tejo. Dessa maneira, aqueles que eram considerados rebeldes tomaram a capital portuguesa quase sem resistência.

As cortes lusitanas perceberam, então, que D. Miguel não tinha mais condições políticas para manter-se no poder e passaram a apoiar seu irmão, D. Pedro. Dessa forma, não restou alternativa a D. Miguel a não ser declarar a vitória do inimigo, uma vez que já não possuía o controle das duas maiores cidades do País. Ele, no entanto, foi poupado pelo irmão, indo para o exílio e recebendo uma mesada para se manter fora de Portugal. D. Maria foi entronizada e D. Pedro morreu no Palácio de Queluz, no mesmo quarto onde havia nascido 36 anos antes, logo após o fim das batalhas, em 1834.

Essa tenacidade demonstrada pelo Porto durante o Cerco foi responsável pelo apelido honroso de "Cidade Invicta", refletindo a resiliência e a determinação do povo portuense diante dos desafios enfrentados. O Mosteiro da Serra do Pilar, no lado oposto do rio, transformado durante os combates em forte onde as tropas se concentravam, foi testemunha desses momentos de luta e bravura durante o conflito.

Em um gesto de devoção duradoura, o coração de Dom Pedro IV foi mantido na Igreja da Lapa, um símbolo comovente de seu compromisso com a causa e com a cidade que acolheu sua luta. O legado do Cerco do Porto desempenhou um papel importante na construção de um sentimento de nacionalismo na região, refletindo o orgulho e a identidade enraizados na memória coletiva. Esse evento histórico continua a ser um marco significativo na história portuguesa

Por outro lado, a dualidade do papel de D. Pedro como líder no Brasil e em Portugal ilustra a complexidade da posição política e o impacto significativo que teve em ambas as nações. Sua atuação como uma figura-chave em duas frentes distintas da história, no Brasil e em Portugal, ressalta sua influência e o legado duradouro em ambos os países durante um período de transformações políticas e sociais significativas.

HISTÓRIA DAS RUÍNAS

Acredito que para se conhecer alguém, algo ou lugar de forma íntima e eficaz, é preciso saber sua história, pontos de fundamento. Por isso, vamos começar pelo Concelho do Porto, uma divisão administrativa do distrito do Porto, que é o mais populoso, com cerca de 230 mil habitantes. Esse lugar possui uma rica história e cultura, que remonta à pré-história, um guia para quem busca conhecer a origem do Porto. Apesar de suas delimitações atuais, o Concelho é uma verdadeira cápsula do tempo que nos revela uma jornada desde épocas remotas, que voltam até a Idade Média.

Os vestígios de ocupação humana no local, que datam desde o Mesolítico e Calcolítico até a Idade do Bronze e Idade do Ferro, oferecem um panorama fascinante da evolução da região. Essa história arqueológica se desdobra em áreas como Campanhã,

Aldoar e Nevogilde, destacando a diversidade e longevidade desse território.

Alguns dos sítios arqueológicos mais importantes do Concelho do Porto incluem o Arqueossítio, na Rua de D. Hugo n.º 5, que revela objetos do cotidiano e construções que datam dos séculos IV-III a.C. Nas proximidades, evidências de ocupação nos primeiros séculos do 1º milênio a.C. se entrelaçam com vestígios do pano de muralha na Rua de Penaventosa, narrando a história da formação desse núcleo primitivo.

Outro sítio importante é o Castro Proto-histórico de Cale, um verdadeiro tesouro histórico, localizado no morro da Sé ou da Penaventosa, no centro da cidade, considerado o ponto de origem do Porto. O Castro foi fundado no século IV a.C. por um povo pré-romano, provavelmente da cultura castreja. Era um povoado fortificado, com muralhas de pedra que protegiam dos ataques. O sítio inclui vestígios de casas, ruas e outros edifícios.

A influência romana no Porto foi abrangente e marcante, deixando uma significativa impressão na arquitetura, cultura e organização social da cidade. Um exemplo claro dessa herança é a malha viária romana que permeia a urbe. A cidade foi erguida sobre uma rede de estradas romanas que conectavam pontos-chave da região. Essas antigas vias ainda são discerníveis em áreas como Miragaia, Massarelos, Cedofeita, Lordelo do Ouro e Foz do Douro. As escavações arqueológicas na Casa do Infante e áreas circundantes confirmam a presença de uma malha urbana regular,

solidificando a importância de Cale, agora conhecida como Portucale.

O Castro de Cale não apenas testemunhou a romanização, mas também se tornou um polo comercial com o mundo romano, atingindo um notável nível de integração no século I d.C. A fase tardo-romana foi um período de transição entre o Império Romano e a Idade Média, que ocorreu entre o século III e o século V d.C.,. A cidade de Cale expandiu-se para o Morro da Cividade e pela encosta da Penaventosa, e atingiu a zona da Ribeira. Dessa forma, a cidade tornou-se um importante centro comercial e cultural. Sua localização estratégica na foz do rio Douro contribuiu para o seu desenvolvimento.

No Concelho, encontramos outra notável evidência: as ruínas da Igreja de São Miguel do Castelo, uma construção do século XII situada no topo do Castelo do Porto. Durante a crise de 1383-1385, essa igreja transformou-se em um bastião usado pelas forças portuguesas na defesa da cidade contra a invasão castelhana. Em 1384, durante a batalha que ecoou nos corredores do Castelo do Porto, a igreja foi destruída.

As ruínas da Igreja de São Miguel do Castelo transcendem a condição de vestígios arquitetônicos; tornaram-se símbolos vivos de patriotismo e resistência. Naqueles tumultuados anos da crise, o Porto enfrentou não apenas uma guerra civil e instabilidade política

após a morte do rei Fernando I, mas uma luta pela própria identidade e independência.

A crise teve como principais protagonistas Leonor Teles e João de Avis. Leonor era viúva de Fernando I, falecido em 1383 sem herdeiros masculinos, e destacou-se como figura ambiciosa e influente, buscando a coroação de seu filho, João de Castela, como o novo monarca português. Em contrapartida, João de Avis, mestre da Ordem de Avis, contava com o apoio de uma facção nobre comprometida com a preservação da independência de Portugal, desempenhando um papel crucial na resolução da crise e consolidando sua posição como o rei João I.

A revolta popular foi liderada por Nuno Álvares Pereira, homem de origem humilde que se destacou por suas habilidades militares como comandante das forças portuguesas. Sua liderança foi fundamental nas vitórias sobre as forças de Leonor Teles, notavelmente nas batalhas dos Atoleiros (1384) e de Aljubarrota (1385). A conquista decisiva na batalha de Aljubarrota foi crucial para a proclamação de João de Avis como rei de Portugal, consolidando não apenas a independência do país, mas também fortalecendo o domínio da dinastia de Avis sobre o trono.

No auge do reinado de João I de Portugal, conhecido como "o da Boa Memória", a cidade do Porto experimentou uma era extraordinária de prosperidade e desenvolvimento, impulsionada pelas reformas visionárias do monarca. Após a marcante vitória na

Batalha de Aljubarrota em 1385, que assegurou a independência de Portugal, João I empreendeu uma série de reformas que modernizaram a nação e solidificaram a posição da monarquia.

No contexto urbano do Porto, João I desencadeou uma transformação significativa ao promover a construção da Rua Nova, mais conhecida como Rua Formosa. Esta via, que conectava a Ribeira ao Largo do Paço, não apenas se tornou uma peça central na paisagem da cidade, mas também estimulou consideravelmente seu desenvolvimento comercial e cultural. Além disso, o monarca consolidou o estatuto real do Porto, ampliando os territórios abrangidos pelo termo da cidade. Essa expansão não apenas conferiu maior autonomia ao Porto, mas também permitiu o crescimento da área urbana.

O reinado de João I no Porto não foi apenas marcado por reformas e desenvolvimento infraestrutural; a cidade foi palco de eventos históricos significativos. Em 1387, João I contraiu matrimônio com D. Filipa de Lencastre, uma princesa inglesa de ascendência real, sendo filha do rei Eduardo III de Inglaterra. Esse casamento fortaleceu os laços entre Portugal e Inglaterra.

Em 1394, o Porto testemunhou o nascimento do infante D. Henrique, que viria a ser conhecido como O Navegador. Este evento foi mais do que uma simples adição à linhagem real; D. Henrique se tornaria um dos exploradores mais importantes da história portuguesa, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento

do Império Português. No seu reinado, foi realizada a primeira expedição portuguesa ao norte da África, em 1415, e houve a conquista da Ilha da Madeira, em 1420, e do Arquipélago de Açores, em 1432.

Os períodos de descobrimentos conferiram uma prosperidade marcante a Portugal, elevando-o ao status de epicentro do comércio marítimo na Europa. Durante esse período efervescente, os portos portugueses, incluindo o Porto, experimentaram um dinamismo excepcional. Na cidade do Porto, floresceu uma intensa atividade marítima e comercial, consolidando sua posição de destaque na indústria de construção naval em Portugal.

As evidências arqueológicas presentes no Concelho do Porto revelam-se não apenas como um mero espaço geográfico, mas como um arquivo vivo, onde cada camada arqueológica e cada evento histórico contribuem para uma narrativa rica e multifacetada, contando a história de uma cidade que resistiu ao teste do tempo, sendo governado por uma série de reinos e impérios, incluindo os visigodos, os mouros e os cristãos.

AS ESTAÇÕES

Uma comunidade é composta por um grupo de indivíduos que residem e estabelecem suas interações sociais em uma região específica. No contexto geográfico, a formação do território e do

Estado português representou um processo extenso. Suas fronteiras se mantêm inalteradas desde 1139, sendo uma das nações europeias mais antigas. Sua área corresponde à porção ocidental da Península Ibérica, localizada no extremo sudoeste da Europa. Historicamente, essa região foi considerada pelo mundo clássico como o fim da terra (*finisterrae*) e, pelo Império Árabe, como o Ocidente (*garb*).

A parte norte de Portugal é montanhosa, onde predominam as serranias, com planaltos e vales. Esse relevo de região mediterrânea são espaços úmidos, algo fundamental para o favorecimento do cultivo agrícola nesta região. O historiador português José Mattoso diz que as especificidades próprias do norte do país têm como consequência “espaços cultiváveis e úmidos onde se podem fixar grupos de cultivadores permanentes” num habitat “frequentemente disperso”. Sobre isso, ele também diz: “as condições naturais favorecem, até certo limite, a absorção em regiões próximas entre si, de excedentes demográficos, e a concentração de uma população numerosa”.

Ainda com os olhos fixos ao alto, ao norte português, vemos o Porto, uma das principais cidades e distritos administrativos de Portugal. Sua geografia compõe a parte noroeste da península Ibérica, o que a faz ser abraçada pelas águas vindas do Oceano Atlântico e do Rio Douro. Tais características não favoreceram apenas seu protagonismo na expansão marítima, mas também ambientaram tudo os que lá vivem ou por lá passeiam.

A temperatura média anual é de 15,5 °C, um clima temperado

mediterrâneo, uma influência marítima que tempera o ar com cheirinho de maresia e gostinho de sal na boca. O verão é quente e seco, com temperaturas máximas que podem ultrapassar os 30 °C e com chuvas escassas, com uma média de 40 mm mensais. A primavera é uma época de transição, com temperaturas que começam a subir. As chuvas são moderadas, com uma média de 80 mm mensais.

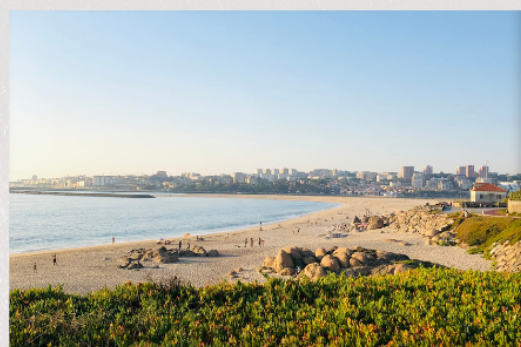
O FIM DO
INVERNO NO
PORTO!



NO INVERNO, APENAS
OS PÉS CONSEGUEM
TOCAR O MAR



MAR/
2022



MAS QUANDO O
VERÃO CHEGA...

JUL/
2022

Essas estações são um ímã para os turistas de toda parte, inclusive os que vivem na própria Europa. Ouve-se diferentes idiomas em todo canto, vê-se pessoas com malas por toda a cidade, percebe-se grupos de turismo com guarda-chuvas coloridos. As câmeras no pescoço, que fotografam até galinhas e pavões, são os principais detectores desses estrangeiros.



CENAS COMO ESSA SÃO
REALMENTE BEM COMUNS!

Porém, alguns desses entretenimentos são barrados em outras estações. O outono na região do Porto é uma época de chuvas abundantes, com uma média de 120 mm mensais, com temperaturas que começam a descer. O inverno na região é suave e chuvoso, com uma média de 100 mm mensais, com temperaturas máximas que raramente descem abaixo dos 10 °C.

PARA ME FAZER MAIS ENTENDÍVEL, NO VERÃO, AS PORTUENSES CONSEGUEM ESBANJAR TODA A SENSUALIDADE ADORMECIDA NO GUARDA-ROUPA, E NO INVERNO, O INVESTIMENTO COM BOTAS E GUARDA-CHUVAS É CONSIDERAVELMENTE ABSURDO.

Na lojinha de produtos variados, ao lado da minha residência, eu já era um cliente fiel de sombrinhas. Os ventos são uma constante em todas as estações; quando se misturam com a chuva, não há para onde fugir. Eles fazem a chuva vir de BAIXO PARA CIMA, iniciando assim o dilema de proteger a cabeça ou o resto do corpo.



Na lojinha de produtos variados, ao lado da minha residência, eu já era um cliente fiel de sombrinhas. Os ventos são uma constante em todas as estações; quando se misturam com a chuva, não há para onde fugir. Eles fazem a chuva vir de BAIXO PARA CIMA, iniciando assim o dilema de proteger a cabeça ou o resto do corpo.

Contudo, apesar dos impasses, nessas estações o frio não impede a diversão e o bom gosto. As ruas se assemelham mais a

uma passarela, em que homens e mulheres esbanjam seus casacos, botas e cachecóis. Quanto mais único e autêntico for o visual, maior é a admiração.

MARAVILHAS NATURAIS E MONUMENTAIS

O Porto é banhado pelo Oceano Atlântico, cujas famosas ondas robustas e águas frias são suavizadas pela beleza inigualável de suas praias, quase fazendo com que a temperatura gélida seja imperceptível, mesmo quando alcança nossas pernas, induzindo-as ao torpor.



À beira-mar, as pessoas exibem seus biquínis em uma variedade de estilos não convencionais. Avistamos muitos

veranistas tomados pelo sol, exibindo sorrisos de orelha a orelha. Alguns desafiam as ondas, em sua maioria surfistas ou aspirantes. Outros desfrutam de atividades como caminhadas com seus cães, jogos de futebol, peteca, raquetes e vôlei de praia. As crianças, por sua vez, dedicam-se à construção de seus castelos de areia.

A BELEZA NATURAL
COM A VIBRAÇÃO
ANIMADA DA CIDADE



PRAIA DE
MATOSINHOS!

MAR/
2022

A praia que mais frequentei foi a de Matosinhos, a mais célebre do Porto, que se destaca por ser urbana, dotada de excelente infraestrutura, abrangendo restaurantes, bares e confortáveis espreguiçadeiras. O mar nesse ponto, em geral, revela-se sereno, tornando-a uma escolha acertada para famílias com crianças, lugar onde se deitam para aproveitar o sol. Porém, os ventos não são nada pacíficos; são fortes e podem encher de areia a boca dos descuidados.

A região costeira ainda oferece outras encantadoras praias que cativam visitantes de todo o mundo. Entre elas, destaca-se a urbanizada Praia de Leça da Palmeira, renomada por sua beleza natural, servindo como um verdadeiro ímã para surfistas em busca de ondas vigorosas. Para aqueles que buscam uma experiência diferente, a cerca de 10 km do centro do Porto, a Praia de Lavadores revela-se como um refúgio semiurbano, tranquilo e envolvente, apresentando uma ampla faixa de areia perfeita para caminhadas relaxantes.

Seguindo em direção à foz do rio Douro, descobrimos a pequena e isolada Praia do Carneiro, um verdadeiro oásis de tranquilidade com suas areias douradas. Este local serve como um escape perfeito do agito da cidade, proporcionando um refúgio onde as pessoas se reúnem para contemplar uma visão ampla do horizonte.

Além do cenário idílico das praias, o mar no Porto oferece diversas oportunidades para atividades aquáticas, como surf, bodyboard, vela e mergulho. A cidade abriga um porto marítimo de importância vital, desempenhando um papel crucial no comércio e na pesca. No entanto, independentemente da atividade escolhida, um dos momentos mais apreciados pelos locais e visitantes é assistir ao espetáculo do encantador pôr do sol em diferentes trechos ao longo da costa.

Com tanta abundância de espaços fluviais, não poderíamos deixar de falar sobre o majestoso Rio Douro. Um dos cursos d'água mais imponentes da Península Ibérica, tem sua origem nas altas serras da Espanha. Estendendo-se por aproximadamente 900 km e abrangendo uma vasta bacia hidrográfica de 97.600 km², ele serpenteia através da maior parte da península de leste a oeste. Este rio ostenta uma rica história de navegação, assemelhando-se às veias pulsantes da cidade do Porto, desempenhando um papel vital no transporte de preciosas mercadorias, como o estimado e renomado vinho.



O RIO QUE
TRANSPORTOU A
HISTÓRIA DO PORTO!

O MAJESTOSO
RIO DOURO

Além de ser uma fonte de sustento para as comunidades locais ao longo dos tempos, o Douro sempre foi lar de uma abundância de peixes, uma dádiva que persiste até os dias atuais. A riqueza da vida aquática continua a ser testemunhada nas águas do rio,

proporcionando uma ligação duradoura entre o homem e a natureza.

A NOMENCLATURA DO RIO É ENVOLTA EM MISTÉRIOS E ESPECULAÇÕES INTRIGANTES. DIVERSAS TEORIAS E LENDAS CIRCUNDAM A ORIGEM DO NOME. UMA INTERPRETAÇÃO SUGERE UMA RAIZ ANTIGA CELTA, ONDE "DUR" OU "DUBR" SIGNIFICAVA SIMPLEMENTE ÁGUA.

Por outro lado, uma lenda persiste, narrando sobre pedras que rolavam e brilhavam, dando a ilusão de ser ouro. Acredita-se que a designação possa também derivar dos detritos arrastados pelas enxurradas, conferindo ao rio uma tonalidade amarelada, assemelhando-se ao ouro.

Outra interpretação remete ao latim, onde "Durius" significa "duro", uma alusão aos contornos robustos e escarpados que definem as margens do rio. Em cada curva e meandro, o Douro guarda consigo não apenas água, mas uma narrativa rica e diversificada enraizada na própria essência da região.

Explorar as águas deste rio histórico a bordo de um barco é, no mínimo, uma experiência emocionante, revelando não apenas sua rica história, mas também paisagens deslumbrantes. Ao longo das margens, vinhedos se estendem, adegas seculares contam histórias e casinhas coloridas pontilham a vista, tudo isso sob o olhar imponente de pontes majestosas.

Entre essas maravilhas arquitetônicas, destaca-se a grandiosa Ponte D. Luís, uma obra que conecta as cidades do Porto e Vila

Nova de Gaia. Erguida em metal, a ponte possui impressionantes 395 metros de comprimento e 8 metros de largura, dividindo-se em dois tabuleiros que unem as partes alta e baixa da cidade. Sua construção, sob as ordens do rei Luis I, foi confiada a Théophile Seyrig, que já havia colaborado com Gustave Eiffel (o mesmo da torre parisiense que leva seu nome) na ponte D. Maria Pia. Inaugurada em 31 de outubro de 1886, a Ponte de D. Luís tornou-se o ícone postal da cidade.

Classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1982 e elevada a Patrimônio Mundial da UNESCO em 1996, a ponte integra o conjunto do Centro Histórico do Porto, Ponte Luiz I e Mosteiro da Serra do Pilar. Seu legado arquitetônico, enraizado no estilo de Seyrig e na tradição de Eiffel, faz dela uma das atrações mais emblemáticas da cidade, liderando a lista das Principais Atrações a serem visitadas em Portugal. Reconhecida pelo Travelers' Choice 2023 do TripAdvisor, figurando assim entre os 10% das atrações mais visitadas, comentadas e avaliadas do mundo.

Muitos desses ímãs de turistas estão no centro histórico do Porto, que abarca um conjunto de belezas, revelando sua rica herança, circundado por um muro que abraça as características singulares das casas coloridas que, de certa forma, se fundem em uma composição coesa.

Dentre esses elementos, destacam-se construções antigas notáveis, como a Sé Catedral, uma edificação que remonta ao século

XII. Este marco preserva vestígios do primitivo edifício românico, erigido entre a primeira metade do século XII e o início do século XIII. A imponência da Sé do Porto é evidente em sua fachada com ares de igreja-fortaleza, marcada por duas torres laterais e uma bela rosácea sobre a entrada principal. Ao longo dos séculos, sofreu alterações significativas durante os períodos maneirista e barroco, adicionando nuances à sua arquitetura original.

O claustro gótico também merece destaque, datando da época de D. João I, um monarca que celebrou esponsais nesta catedral. Este claustro não apenas testemunha a devoção religiosa, mas também encapsula momentos importantes da história real associados à catedral. O centro histórico do Porto, com suas casas, muralhas e construções antigas, oferece uma experiência envolvente, traçando a evolução da cidade ao longo dos séculos e destacando sua notável influência arquitetônica.

A Torre dos Clérigos compõe essas belezas. Uma jóia barroca construída no século XVIII com uma notável talha barroca-rococó, ela destaca-se como uma das mais imponentes estruturas arquitetônicas da época. Sua imponência é evidenciada pela torre majestosa que se eleva a 75,60 metros de altura, tornando-a a mais alta de Portugal. Com seus mais de 200 degraus, a torre oferece acesso a uma vista panorâmica privilegiada do Porto, proporcionando uma experiência única aos visitantes.

Além da sua grandiosidade, a Torre dos Clérigos é conhecida pelos 49 sinos que compõem um vasto carrilhão de concreto, contribuindo para a atmosfera sonora da região. Cada elemento da torre, desde a talha barroca-rococó até a altura imponente e o conjunto de sinos, contribui para a singularidade desta construção.

Ao explorar a Torre dos Clérigos, os visitantes não apenas testemunham a maestria arquitetônica da época barroca, mas também desfrutam de uma perspectiva inigualável da cidade e de uma experiência auditiva única proporcionada pelo seu carrilhão.



A mais extasiante construção, porém, que ganha longos olhares de seus apreciadores, é a Estação São Bento. Inaugurada em 5 de outubro de 1916, o local é reconhecido como uma das estações ferroviárias mais belas do mundo. O seu átrio é revestido por 20 mil azulejos Arte Nova, uma obra-prima do pintor Jorge Colaço,

produzidos na Fábrica de Sacavém. Estes azulejos não apenas decoram, mas também contam uma narrativa visual de eventos históricos significativos.

No lado esquerdo do átrio, os azulejos retratam o Torneio de Arcos de Valdevez do século XII e a apresentação de Egas Moniz, com sua esposa e filhos, ao rei de Leão, também no século XII. No lado direito, as representações incluem a entrada de D. João II no Porto para celebrar o seu casamento com D. Filipa de Lencastre, no século XIV, e a conquista de Ceuta pelo Infante D. Henrique do século XV.

DESTA MANEIRA, A ESTAÇÃO DE SÃO BENTO NÃO É
APENAS UM PONTO DE PARTIDA PARA VIAGENS, MAS
TAMBÉM UMA GALERIA DE ARTE QUE OFERECE UMA
NARRATIVA COMPLETA DESENHADA NOS AZULEJOS
DE SUAS PAREDES, TODOS METICULOSAMENTE
CONCEBIDOS POR JORGE COLAÇO.

Dentre os vários monumentos da cidade, destacam-se as inúmeras igrejas emblemáticas que pontilham o Porto, verdadeiras joias arquitetônicas. A Igreja de S. Francisco, de estilo gótico, exibe um conjunto impressionante de talha dourada barroca do século XVIII, conferindo-lhe uma atmosfera de esplendor histórico. A magnífica Igreja de Santo Ildefonso, notável por suas torres e fachada revestida por azulejos, é uma obra do renomado artista Jorge Colaço. Construída na primeira metade do século XVIII, ocupa o local onde existia uma ermida medieval e foi inaugurada em 18 de julho de 1739.

A Igreja da Lapa, fundada em 1754 pelo brasileiro Padre Ângelo Sequeira, é resultado do fervor religioso que já se fazia sentir nas pregações do pároco pela cidade do Porto. Em 1835, por vontade de D. Maria II, o interior da igreja ganhou um significado ainda mais especial ao acolher o coração do rei D. Pedro IV.

A majestosa Igreja do Carmo, erguida no lado nascente do convento, apresenta uma mescla de estilos maneirista e barroco, datando do século XVIII. Seu interior é uma verdadeira obra-prima, decorado com talha dourada nos estilos barroco e rococó, acrescentando um toque de sofisticação e beleza ao ambiente sagrado. Cedofeita, a igreja mais antiga do Porto, remonta ao século VI, destacando-se por sua simplicidade e antiguidade. Testemunha de séculos de história, a Igreja de Cedofeita é um elo com o passado, mantendo-se como um testemunho venerável da espiritualidade na cidade.

Estas são algumas das igrejas presentes no Porto, que além de serem marcos de fé, representam verdadeiros tesouros históricos e artísticos, enriquecendo a experiência de quem explora a riqueza cultural e arquitetônica da cidade.

O encanto do Porto revela-se em suas atrações históricas e culturais, começando pelo Museu Soares dos Reis, o primeiro museu público de arte do país, fundado em 1833 por D. Pedro IV no contexto do liberalismo. Originado do Museu de Pinturas e Estampas, criado para preservar bens confiscados durante a guerra

civil de 1832-34, este museu portuense é um testemunho da rica história artística e política de Portugal. O próprio D. Pedro IV chegou a despachar neste edifício no período do cerco à cidade.

A Livraria Lello, inaugurada em seu prédio atual em 1906, é outra joia que atrai visitantes de todo o mundo. Fundada a partir de uma editora aberta em 1881 pelos irmãos José e António Lello, a livraria é um local mágico para os amantes da leitura e da cultura, além de ser um cenário encantador para fotos. O espaço se vangloria do título de “a livraria mais bonita do mundo”.

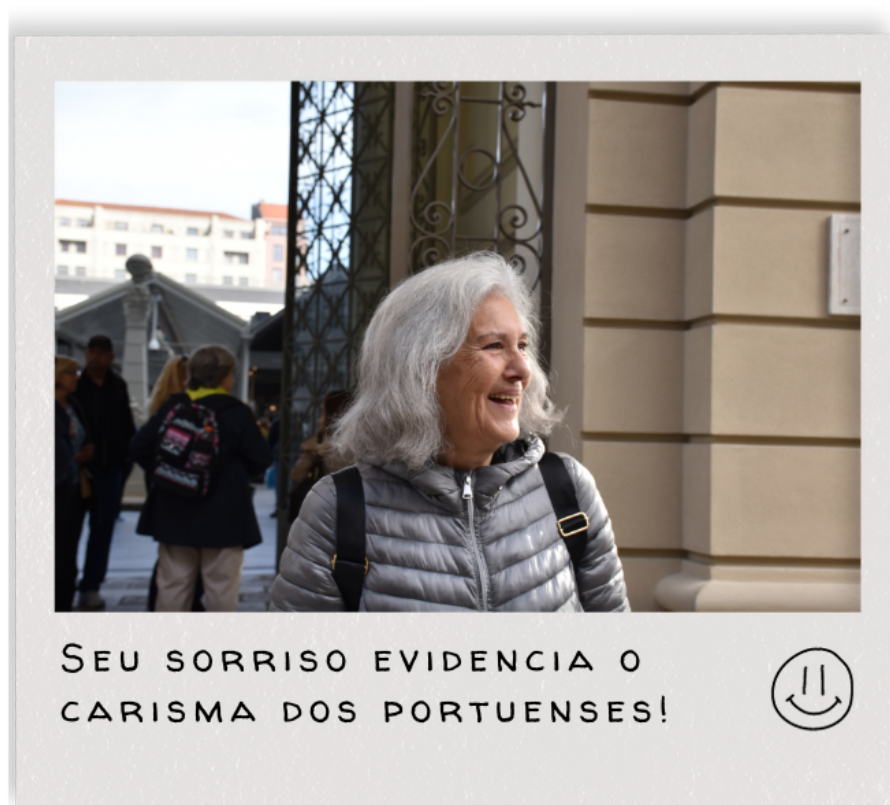
Outra atração imperdível é o Palácio da Bolsa do Porto, um majestoso edifício neoclássico construído a partir de 1842. Originalmente destinado a abrigar a Casa da Bolsa do Comércio, o palácio é agora utilizado para eventos culturais e festas glamourosas, mantendo-se como um símbolo da história comercial da cidade.

O Castelo do Queijo, ou Forte de São Francisco Xavier, é um marco que remonta a eventos históricos, incluindo as invasões francesas e a guerra entre absolutistas e liberais. O formato arredondado da rocha sobre a qual foi construído inspirou o apelido "Castelo do Queijo". Supõe-se que o local era considerado sagrado por celtas no século VI a.C., adicionando camadas de significado histórico a este fascinante castelo à beira mar, já nas imediações de Matosinhos.

Ah, ainda há o Mercado do Bolhão! Enraizado no coração histórico do Porto, é muito mais do que um simples ponto de comércio. Sua história remonta ao século XIX, quando a Câmara do Porto decidiu transformar terrenos adquiridos da Igreja em uma praça dedicada ao comércio. Sob a visão do arquiteto Joaquim da Costa Sampaio Lima, nasceram os alicerces do "Mercado Interno do Bolhão".

O nome peculiar, "Bolhão", tem origens curiosas, derivando de um regato que formava uma bolha de água ao atravessar um lameiro entre a Rua Formosa e a Rua de Fernandes Tomás. A Fonte do Bolhão, nas proximidades, já indicava a presença desse elemento aquático. Após uma abrangente obra de restauração, o mercado reabriu suas portas, preservando suas raízes, mas também introduzindo novidades. Com mais de 70 comerciantes, o Bolhão oferece uma variedade de produtos, desde peixe fresco até artesanato, consolidando-se como um ponto de encontro para locais e visitantes.

Tive a oportunidade de visitá-lo durante uma aula de fotografia, um daqueles momentos em que a cidade se torna o cenário perfeito para explorar a arte de capturar instantes. No meio do caminho para o Mercado do Bolhão, algo aconteceu: conheci essa senhorinha encantadora. Não fazia ideia de que estávamos indo para o mesmo lugar, mas o destino nos uniu naquele trajeto.



Conversamos enquanto caminhávamos pelas ruas que antecederiam o mercado. Ela irradiava uma felicidade singular, e sua gentileza foi como um raio de sol em meio à agitação do dia. Ela compartilhou sua alegria comigo, revelando que a reinauguração do Bolhão tinha um significado profundo para ela. Suas palavras transmitiam uma conexão pessoal com o mercado, uma ligação enraizada em memórias e histórias que transcenderam o tempo.

Ao chegar ao Bolhão, nossos caminhos seguiram rumos diferentes, mas suas palavras e a expressão radiante ficaram comigo enquanto eu explorava o mercado com minha câmera. Algumas das fotos que capturei refletiam a essência dos portuenses e a importância cultural que envolve o mercado. Suas feições se

tornaram parte da narrativa visual, um tributo à alegria que transbordava naquele dia de setembro de 2022.

O Mercado do Bolhão, como tantos outros lugares culturais e históricos na cidade do Porto, não é apenas uma construção de tijolos e argamassa. É um tecido vivo, entrelaçado com as histórias e emoções daqueles que o vivenciam. Para essa senhorinha e muitos outros, esses lugares são mais do que apenas marcos arquitetônicos; são testemunhas de vidas, guardiões de tradições e laços que conectam as pessoas à sua história e identidade.

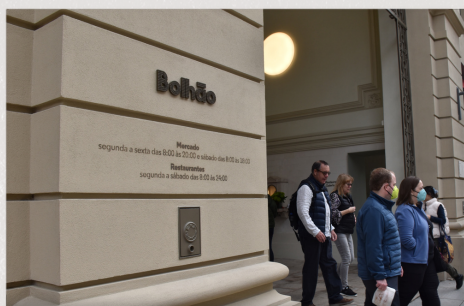
Esses espaços desempenham um papel crucial na construção da identidade de uma cidade, não apenas para os locais, mas também para os visitantes e para o mundo em geral. Eles são janelas para o passado, pontes para o presente e alicerces para o futuro.



DE PEIXE FRESCO A ARTESANATO, TUDO
PARECE REFLETIR A RIQUEZA E A
VITALIDADE DA COMUNIDADE LOCAL



MEUS REGISTROS
DO BOLHÃO!



SETEMBRO DE 2022



PRESERVAR LOCAIS COMO
O BOLHÃO, É UMA FORMA
DE PRESERVAR A ALMA
DE UMA CIDADE!



UM POVO CALOROSO E DE
AUTENTICIDADE CATIVANTE

CAPÍTULO II

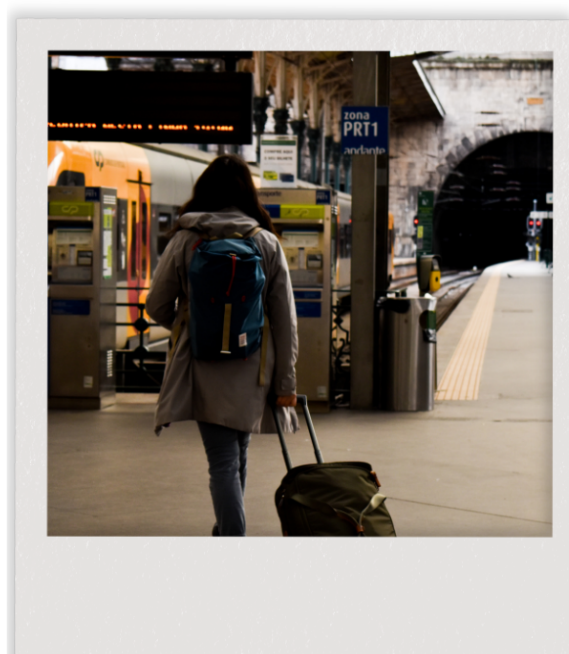


Explorando Horizontes

A cidade aconchegante no norte de Portugal, com população de cerca de 237 mil habitantes, tem bravura e procura por parte dos turistas, ocupando o segundo lugar do ranking das melhores cidades da Europa 2021 pela revista Condé Nast Traveller. Eu poderia passar anos tentando listar os fatores atrativos que fazem desse pedaço de terra um paraíso, porém vou até onde meu tempo e conhecimento chegam.



ALGUNS REGISTROS DOS
TURISTAS DO PORTO.



O reconhecimento do centro histórico do Porto como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 1996, seguido do título de Capital Europeia da Cultura em 2001, marcou o início da transformação da cidade em um destino turístico de renome. Esse prestígio foi reforçado por inúmeros prêmios concedidos ao Porto, incluindo o título de Melhor Destino Europeu em três ocasiões (2012, 2014 e 2017), competindo de igual para igual com cidades de renome como Madri, Roma e Paris. Essas distinções contribuíram para a crescente reputação da cidade como um dos destinos turísticos mais atraentes da Europa.

Como muitas cidades cosmopolitas, o Porto atrai imigrantes de várias partes do mundo. Os imigrantes no Porto vêm de diferentes países e regiões por diversas razões, incluindo trabalho, estudo, reunificação familiar e busca de melhores oportunidades de vida. Essa cidade competitiva projeta-se internacionalmente enquanto destino turístico e bom lugar para se viver.

Essa imigração desempenhou um papel significativo no crescimento da população residente em Portugal. De acordo com dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e do Instituto Nacional de Estatística (INE), Portugal experimentou um aumento notável no número de imigrantes, especialmente provenientes de países como Brasil, Ucrânia, China e várias nações africanas. Essa tendência de crescimento populacional através da imigração tem influenciado, não apenas a composição demográfica, mas também a

dinâmica social e cultural em todo o país. Em um panorama geral, são esses os principais grupos encontrados na região.



A priori, para a surpresa de poucos, a comunidade brasileira se destaca. Sim, de acordo com os dados recentes do Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo (RIFA), de 2022, emitido pelo SEF, a comunidade brasileiro mantém uma posição proeminente como o maior grupo de imigrantes residentes em Portugal, representando cerca de 30,7% do total. A influência e a presença marcante dos brasileiros têm contribuído de forma significativa para a dinâmica social e cultural do Porto e de todo o país.

O grupo brasileiro no Porto é notável, não apenas em termos de tamanho, mas também em sua diversidade e contribuições para a vida econômica e cultural da região. Muitos brasileiros escolhem o Porto como destino devido às oportunidades de trabalho e educação disponíveis, buscando não apenas melhorias nas

condições de vida, mas também novas perspectivas de carreira e crescimento pessoal.

Dentre os brasileiros que decidiram migrar, destaco a história envolvente de Luciana Rassi, uma mulher elegante de 48 anos, perfumada, educada e repleta de espiritualidade. Como tantos outros entrevistados que trago a este trabalho, Luciana desempenhou um papel essencial na minha jornada em Portugal, sendo a proprietária responsável do meu primeiro alojamento na vibrante cidade do Porto.



Antes de se aventurar em terras portuguesas, Luciana nunca havia considerado deixar o Brasil; simplesmente não fazia parte de seus planos. Ela e seu marido, José Ayres, desfrutavam de uma vida estável, sem grandes perspectivas de crescimento ou avanço, mas

estavam confortáveis na rotina. Ela nem mesmo possuía um passaporte na época.

Num domingo, durante um almoço na casa dos pais dela, tudo mudou quando a mãe dela lançou uma ideia intrigante:

"POR QUE VOCÊS NÃO VÃO PARA PORTUGAL?"

Ela havia assistido a uma série de reportagens na TV sobre o país e compartilhou algumas informações. Esse simples comentário foi como acender uma luz na mente do casal. A partir desse momento, começaram a pesquisar, estudar e analisar as possibilidades de uma mudança.

O processo foi surpreendentemente rápido. Juntaram o dinheiro que tinham, venderam alguns pertences domésticos, mantendo apenas o essencial. Inicialmente, decidiram ir para Portugal para conhecer e "explorar a terra". Estavam prontos para permanecer caso tudo desse certo, mas também deixaram um plano de contingência preparado caso precisassem retornar.

Luciana e seu marido desembarcaram inicialmente em Lisboa, em outubro de 2018, onde planejavam permanecer por sete dias. A ideia inicial era estabelecer-se na capital, considerando a possibilidade de terem mais oportunidades para recomeçar suas vidas. No entanto, decidiram alugar um carro e explorar o país.

A segunda cidade que decidiram conhecer foi o Porto. Foi nesse momento que algo extraordinário aconteceu. Luciana conta que ouviu claramente uma voz que dizia: "A sua casa é aqui!". Esse momento singular foi interpretado como uma direção divina, dando a ela a certeza de que seu lugar verdadeiro estava no Porto.

Ao questioná-la sobre os benefícios de residir na Invicta, ela compartilhou comigo uma visão abrangente: "O país oferece benefícios de documentação para os imigrantes brasileiros, e isso abre as portas para outras oportunidades. A segurança é outro grande benefício que o país oferece. Portugal é um país extremamente seguro para se viver. Outra coisa muito importante é o poder de compra que temos no país. É possível adquirir bens com mais facilidade do que no Brasil. Também é um país em que temos condições de ter acesso a uma alimentação muito boa e saudável. O transporte público também é excelente. E, por último, empreender é bem possível, com alta capacidade de ter um excelente retorno."

Contrastando com os benefícios de viver no Porto, é crucial também examinar os desafios e inconvenientes que a cidade pode impor. Ao compartilhar sua perspectiva sobre as dificuldades e obstáculos enfrentados nesse contexto, ela destacou: "As variações climáticas, inicialmente, exercem um grande impacto; cheguei quase no inverno e senti isso profundamente. A questão da moradia é verdadeiramente desafiadora e dispendiosa. A dificuldade surge porque é exigido um fiador, algo que quem acabou de chegar não dispõe."

É interessante observar que a segunda nacionalidade estrangeira mais representativa em Portugal é a do Reino Unido, mantendo sua posição em relação a 2021 com um aumento de 5,8%. Este cenário destaca a diversidade e presença global de diferentes nacionalidades na Europa, cada uma contribuindo com suas próprias particularidades e influências.

Em sequência, têm-se os próprios cidadãos europeus, impulsionados em grande parte pela liberdade de circulação permitida pela União Europeia. Pessoas vindas de várias nações, como França (3,5%), Itália (4,4%), Ucrânia (3,3%) e muitas outras, estão cada vez mais optando por se estabelecer nesta cidade historicamente rica e culturalmente rica.

Esse fluxo contínuo de cidadãos estrangeiros atesta o impacto positivo dos fatores que têm sido consistentemente associados à atração do Porto ao longo dos anos, como a percepção de Portugal como um país seguro, atraente e acolhedor. A região também oferece benefícios fiscais atraentes por meio do regime de residente não habitual, o que tem sido um incentivo significativo para muitos que desejam estabelecer residência neste belo destino.

Há ainda uma presença significativa de imigrantes africanos no Porto, com destaque para pessoas de países de língua oficial portuguesa, como Cabo Verde (4,7%), Guiné Bissau (3,0), especialmente Angola (4,1%), que subiu três posições nesse ranking,

ocupando agora o 6º lugar, com uma alta de 23,1% entre um levantamento e outro.

O norte português também atrai imigrantes da Ásia e do Médio Oriente, em busca de trabalho e estudo. Estes incluem pessoas de países como o Nepal (3,0%) e a Índia (4,5%), que se destaca por subir uma posição, ocupando agora o 4º lugar.

Outras nacionalidades representam os restantes 33,1% do total de comunidades imigrantes presentes em Portugal. É crucial levar em conta uma série de fatores complexos que influenciam as imigrações. Eles vão desde contextos econômicos e sociais variados até mudanças legislativas ao longo do tempo, passando por relações históricas e culturais que moldaram as dinâmicas atuais. Além disso, é fundamental considerar o impacto das políticas de imigração não apenas em Portugal, mas também nos países de origem de quem imigra, juntamente com eventos globais e regionais de grande impacto, como conflitos armados, catástrofes ambientais e epidemias que podem influenciar significativamente os padrões migratórios e as estruturas sociais.

A PRESENÇA VIBRANTE E MULTIFACETADA DOS IMIGRANTES ENRIQUECE O TECIDO SOCIAL DO PORTO, CONTRIBUINDO PARA A DIVERSIFICAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS NA COMUNIDADE LOCAL. ESSA INTERAÇÃO E INTERCÂMBIO CULTURAL ENTRE NAÇÕES TÊM PROMOVIDO UMA COMPREENSÃO MAIS PROFUNDA E UMA APRECIÇÃO MÚTUA.



Além do impacto quantitativo, a imigração tem enriquecido a tapeçaria cultural de Portugal, introduzindo novas línguas, tradições e práticas religiosas na sociedade portuguesa e desafiando as noções tradicionais de identidade nacional e cultural. Essas mudanças têm impulsionado discussões em torno da integração, levando a iniciativas governamentais e da sociedade civil voltadas para a promoção da coesão social, do respeito mútuo e da compreensão intercultural. Uma sociedade mais diversificada e globalmente conectada contribui para o crescimento econômico e o enriquecimento cultural de um país.

Participei do grupo de imigrantes que escolheu viver no Porto. Inicialmente, passei os primeiros seis meses residindo em um alojamento, uma casa compartilhada bastante ampla. Ao chegar lá, tive uma grande surpresa ao me deparar com 14 rapazes! Sim, uma jovem mulher oriunda de um lar com muitas raparigas brasileiras (fique tranquilo, caro leitor! Essa é a forma como os portugueses se

referem às mulheres jovens, ou seja, é o feminino de rapaz = mulher jovem) começou a morar com diversos homens de diferentes nacionalidades.

Em uma análise porcentual, sob a perspectiva de uma estudante da área de humanas, a composição era, em média, de 70% brasileiros e 30% de uma mistura variada, incluindo indianos, venezuelanos, ingleses, argentinos e gregos.

ERA UMA VERDADEIRA SALADA CULTURAL, REPLETA DE GOSTOS, PERSONALIDADES E ATÉ PROFISSÕES DIVERSAS. NAQUELA CASA CONVIVIAM CHEFES DE COZINHA, MARCENEIROS, ADMINISTRADORES, PROFESSORES, ENTREGADORES, ESTUDANTES, ENTRE OUTROS.

Na experiência vivida no apartamento 101-A, na rua 5 de Outubro, deparei-me com a assertiva de Blokland: "Algumas pessoas têm raízes, outras, rotas, mas todas fazem comunidade". Naquele espaço, coletivamente, construímos um ambiente inovador pautado na convivência, ressocialização e resignificação, valendo-nos das narrativas de lugar e da performance da identidade local.

Apesar de nossas muitas diferenças, compartilhávamos um traço comum: éramos estrangeiros, aqueles que abandonam sua terra natal, com uma conexão natural, para se tornar forasteiros em

um país distinto, em busca de novas perspectivas de vida e vivências urbanas.

O apartamento 101-A era dinâmico. Em determinados meses ou dias, os ocupantes partiam, dando continuidade às suas jornadas em busca de um lugar melhor e novas experiências. Alguns encontravam o amor, outros um novo emprego, enquanto alguns não encontravam nada e retornavam ao lugar de onde vieram. Despedidas melancólicas e chegadas alegres já se tornavam uma rotina para mim. No entanto, uma chegada e uma despedida em particular marcaram profundamente minha vida. Gosto de dizer que o Porto me presenteou com irmãos do coração e uma casa portuguesa, sendo Fátima Gomes uma dessas pessoas especiais.



Com o nome da santa, que carrega com grande orgulho, Fátima é uma venezuelana de 34 anos, de estatura pequena, cabelos

negros e pele alva. Casada, mãe e filha exemplar, ela chegou em Portugal pela primeira vez em julho de 2021. Autêntica, divertida, amorosa e com uma obsessão por limpeza, ela era, em minha visão, como um raio de calor no frio português. Fátima transformava cada momento, fosse uma refeição compartilhada, fosse um banho transformado em espetáculo ou simplesmente uma rotina de limpeza.

Ao indagar sobre suas motivações e buscando compreender não apenas o ponto comum, mas a subjetividade de cada imigrante, perguntei: "Por que Portugal e, mais especificamente, por que o Porto?". Suas respostas trouxeram consigo uma carga histórica de seu país, ilustrando o tipo de fator migratório que influenciou sua decisão e a de muitos outros venezuelanos. "Minha história, como a de muitos venezuelanos descendentes de europeus, envolve a busca por oportunidades fora do nosso país devido à difícil situação social, política e econômica. A falta de oportunidades me obrigou a deixar minha terra natal em busca de melhorias para mim e minha família", foram as primeiras frases impactantes de Fátima durante nossa entrevista.

No artigo intitulado "A Influência da Ascendência Europeia nas Trajetórias Migratórias de Setores Empresariais Venezuelanos Estabelecidos na Colômbia", dos autores Marcela Ceballos Medina, Maria Camila Bohórquez e Nicolás Arturo Quinche, são identificados três padrões migratórios ibero-americanos que moldam as dinâmicas desde o final do século XIX até o início do

século XXI, delineando a configuração de um sistema migratório, conforme definido por Oliver Bakewell e reinterpretado por Maurício Palma.

Este sistema compreende o fluxo constante de ideias, pessoas e bens, instituições em termos de discursos e práticas sociais, além de estratégias organizadas para alcançar objetivos individuais ou coletivos.

O primeiro padrão destaca-se pela imigração ultramarina, com ênfase em países como Venezuela e Argentina, que se tornaram polos atrativos para imigrantes, especialmente da Europa do Sul, incluindo Espanha, Portugal e Itália. Essa imigração resultou na consolidação de redes e vínculos, configurando assim um sistema migratório ibero-americano.

O segundo padrão refere-se à migração transfronteiriça, originada de laços históricos entre países vizinhos. Integrando a migração intra-regional ou "sul-sul", esse padrão ganhou impulso nas últimas décadas do século XX, influenciado por instabilidades políticas e crises socioeconômicas.

O terceiro padrão destaca a migração extracontinental em direção a destinos europeus, com ênfase em países como Espanha, França e Portugal. Essa tendência, intensificada a partir dos anos 1970, foi impulsionada por desigualdades socioeconômicas, resultando na migração seletiva de profissionais e setores de classe média em busca de oportunidades no mercado de trabalho europeu.

Esses padrões, moldados por fatores políticos, econômicos e sociais, refletem as transformações nas dinâmicas migratórias na América Latina. A Venezuela, antes em um cenário inicial de prosperidade e sendo um dos destinos preferenciais para os portugueses, passou por uma inversão nesse processo devido ao agravamento da situação econômica e política.

De acordo com o Governo Regional da Região Autônoma da Madeira, a Venezuela abriga uma das maiores comunidades madeirenses no mundo, composta por cerca de 300 mil madeirenses ou luso-descendentes, dentro de um contingente total de 500 mil portugueses. Essa migração teve início na década de 40 e se estendeu até meados dos anos 80. De acordo com os registros do Governo Regional, entre 1950 e 1969, um total de 73.554 portugueses chegaram à Venezuela, dos quais 38.737 eram madeirenses, 17.286 aveirenses, 7.214 portuenses, e o restante originário de outros distritos do país.

No entanto, diante da deterioração dessas condições ao longo dos anos, a Venezuela deixou de ser um país receptor para se tornar um país emissor de emigrantes. Segundo a Agência Lusa (2019), aproximadamente 3,4 milhões de pessoas deixaram a Venezuela desde o início da crise política e econômica.

Apesar de possuir as maiores reservas de petróleo do mundo e ter alcançado altos índices de produção na América Latina, a Venezuela enfrenta, no século XXI, uma crise econômica que

desencadeou tensões políticas e, por conseguinte, instabilidade social e comercial. Atualmente, muitos desses imigrantes venezuelanos encontram-se na Europa, especialmente em países como Portugal, em busca de melhores condições de vida.

Diante desse contexto desafiador, Fátima Gomes viu-se compelida a tomar medidas, uma vez que, mesmo sendo licenciada em educação e magistrada em educação universitária, não conseguia atingir a estabilidade financeira almejada. Com raízes familiares na Madeira, onde parte de sua família reside e possui ascendência portuguesa por meio de seu pai, ela decidiu obter a cidadania portuguesa. Em 2022, embarcou nessa jornada ao lado de seu marido colombiano, Juan Vicente, inicialmente fixando residência na Ilha da Madeira e posteriormente mudando-se para a Invicta.

"EU NÃO ESCOLHI O PORTO, O PORTO ME ESCOLHEU. ENQUANTO ESTAVA NA MADEIRA, BUSQUEI OPORTUNIDADES DE EMPREGO NO PORTO, ONDE OBTIVE UMA RESPOSTA MAIS RÁPIDA. DECIDIMOS VIAJAR PARA LÁ UMA VEZ E ME ENCANTEI PELA CIDADE COM SEU AR SERENO, SUAS RUAS HISTÓRICAS E SEU POVO TÃO ACOLHEDOR. DURANTE MINHA ESTADIA, APRENDI MUITO, CONHECI PESSOAS MARAVILHOSAS, COMO VOCÊ, E OUTRAS NEM TANTO, MAS TODAS DEIXARAM VALIOSOS ENSINAMENTOS"

– FÁTIMA.

Através do Facebook, ela conseguiu alugar um quarto em um alojamento que conheceu. Fátima relata que a adaptação foi desafiadora, uma vez que compartilhar um apartamento com várias pessoas não era tarefa fácil. Segundo o Idealista, um portal de

aluguel e venda de imóveis, o preço por metro quadrado no Porto era de 2.450 €/m² até outubro de 2023, evidenciando uma problemática que vem se agravando em Portugal, onde a crise salarial também contribui para a dificuldade no setor habitacional.

Com base nos dados do Plano Estratégico de Habitação (PEH) de 2008, que aborda as carências habitacionais em Portugal, estimou-se que o país abrigava aproximadamente dois milhões de pessoas em situação de pobreza. Desse total, cerca de 800 mil famílias viviam com rendimentos inferiores a 60% da média nacional, enquanto outras 200 mil famílias enfrentavam uma situação de forte privação. A pesquisa também apontou a presença de cerca de 5 mil pessoas em situação de sem-teto, predominantemente concentradas nas principais cidades do país.

Esses números evidenciam a urgência de implementar soluções efetivas para lidar com os desafios habitacionais em Portugal e essa realidade ainda persiste. Fátima, ao destacar sua experiência, ressalta: "Embora eu tenha desfrutado de um emprego estável, a remuneração não era suficiente para sustentar uma família completa."

Nossa amiga venezuelana destaca que o Porto é uma cidade acolhedora, povoada por indivíduos gentis, sendo a maioria deles de uma faixa etária mais avançada e com uma disposição tranquila. Embora a experiência gastronômica não a atraísse particularmente,

os pastéis de nata, a francesinha e o vinho, autênticas iguarias portuenses, conquistaram definitivamente seu paladar.

Fatores culturais também a seduziram, como a festa de São João do Porto que ocorre nos dias 23 e 24 de junho, uma celebração secular que teve origens pagãs marcando o solstício de verão. Embora ainda inclua elementos religiosos, tornou-se mais secular ao longo do tempo. As tradições envolvem o uso nas receitas de alhos-porós, ramos de cidreira ou limonete e o lançamento de balões de ar quente. Antigas representações de fertilidade foram substituídas por martelos de plástico. A festa também destaca o salto sobre fogueiras, o cultivo de manjericos (pequenas plantas de cheiro intenso, semelhantes ao manjericão) com versos populares e um espetáculo de fogos de artifício à meia-noite no Rio Douro.



Por fim, Fátima Gomes compartilha dois lugares de que muito gosta e que também ocupam um espaço especial em seu coração: o Palácio de Cristal e o Jardim do Morro.

O Palácio de Cristal, erguido no antigo campo da Torre da Marca, proporciona uma vista deslumbrante do Rio Douro, Miragaia e Massarelos, além de um jardim exuberante repleto de flores lindas, principalmente tulipas. Idealizado pelo arquiteto inglês Thomas Dillen Jones e inaugurado em 1865, inspirou-se em um modelo semelhante em Londres.



EU DISSE ADEUS, MAS ACHO QUE
DEIXEI PARTE DO MEU CORAÇÃO
LITERÁRIO NOS JARDINS DO
PALÁCIO DE CRISTAL.



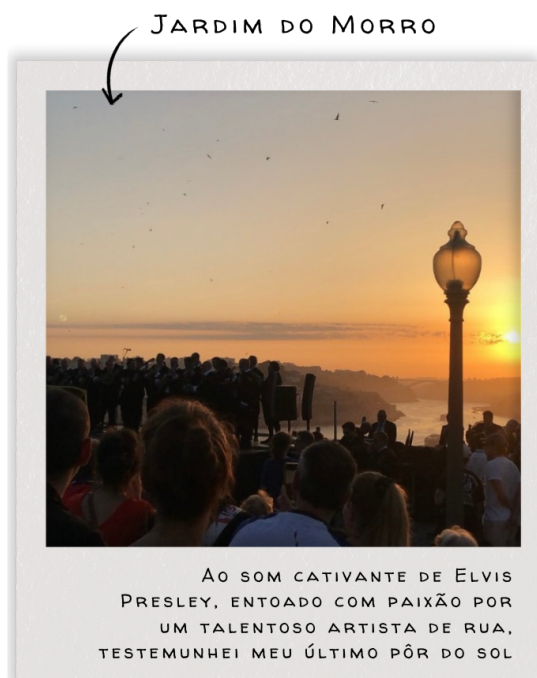
KAROL.
KAROL.
KAROL!



Originalmente concebido para a Exposição Internacional Portuguesa de 1865, o palácio ostenta salões majestosos e anexos construídos com estruturas de ferro e vidro, refletindo a elegância e

leveza necessárias para abrigar as inovações industriais e comerciais da época.

O Jardim do Morro, situado no ponto mais alto de uma colina em Vila Nova de Gaia, pode ser acessado através da majestosa Ponte Luís I. Do topo, revela-se uma vista panorâmica única, abrangendo toda a cidade do Porto, suas paisagens envolventes e as margens do rio Douro em Gaia. Este local é marcado por uma visão espetacular. No jardim, é possível relaxar na grama, contemplar a paisagem ou degustar um copo de vinho do Porto, proporcionando uma experiência única. O ambiente ganha um toque especial ao pôr do sol, tornando este momento a escolha ideal para uma visita romântica ou um prazeroso momento de paz com amigos.



Ademais, das classificações por nacionalidade, temos o grupo de Estudantes Internacionais, no qual me incluía, já que fui

estudante internacional no tempo de minha estadia. O último levantamento de 2023 da Quacquarelli Symonds (QS), entidade reconhecida globalmente por sua avaliação anual das universidades de todo o mundo, revelou o destaque de sete instituições de ensino superior portuguesas. A Universidade do Porto (UP) - 274^o posição - emergiu como líder entre as instituições do país, consolidando sua posição de destaque no cenário educacional internacional.

De acordo com o QS World University Rankings 2023, outras universidades portuguesas também se destacaram, como a Universidade de Lisboa, na 335^a posição, a Universidade Nova de Lisboa, na 369^a posição, a Universidade de Coimbra, na 438^a posição, a Universidade de Aveiro, entre a 501^a e 510^a posição, a Universidade do Minho, entre a 591^a e 600^a posição, e a Universidade Católica Portuguesa, entre a 801^a e 1000^a posição no ranking global.

Tive o privilégio de estudar na Universidade do Porto (UP) e sua colocação já vinha subindo há algum tempo, um dos fatores decisivos na minha escolha pela cidade. Dados fornecidos pela UP, em 2023, reafirmam seu papel crucial na atração de estudantes internacionais, com mais de 4.500 alunos estrangeiros matriculados em programas de graduação, se destacando no apoio à mobilidade de estudantes, com mais de 2.100 acadêmicos recebidos em programas de intercâmbio, enquanto mais de 1.400 universitários da instituição participaram de experiências de estudo no exterior.

Sendo uma das Universidades que mais atrai estudantes estrangeiros, correspondendo a cerca de 13% dos alunos inscritos, a ampla participação da Universidade em projetos internacionais também é evidente, com 223 projetos Erasmus+ (Plano de Ação da Comunidade Europeia para a Mobilidade de Estudantes Universitários) entre 2014 e 2022, demonstrando o compromisso contínuo da instituição com a colaboração e a cooperação transnacional no campo da educação.

A Universidade do Porto também desempenha um papel proeminente no projeto EUGLOH (Aliança Universitária Europeia para a Saúde Global), com mais de 4.500 participantes envolvidos. Além disso, a universidade estabeleceu mais de 2.700 acordos e parcerias com instituições de ensino superior estrangeiras, solidificando sua posição como uma instituição globalmente conectada e comprometida com a excelência acadêmica em escala internacional.

A GRANDE UNIVERSIDADE DO PORTO

Minha admiração por Portugal floresceu muito antes de eu colocar os pés no país. Grande parte da minha família paterna estabeleceu raízes lá desde os meus primeiros anos de vida. As histórias, as fotografias, os presentes, os tios e as tias... tudo relacionado a Portugal despertava em mim uma profunda conexão.

Aos 16 anos, tive a oportunidade de visitar Portugal pela primeira vez, iniciando minha jornada exploratória. No Algarve, encantei-me com praias deslumbrantes; em Sintra, explorei majestosos castelos; em Cascais, entreguei-me ao encanto do mar e à arquitetura envolvente. Em Lisboa, o desfecho era previsível – eu me apaixonei perdidamente por Portugal.

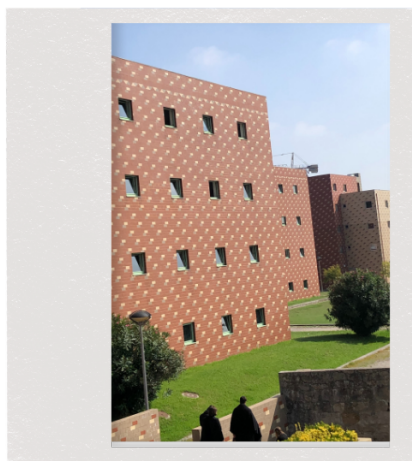
No ano de 2021, ao deparar-me com as diversas oportunidades de intercâmbio proporcionadas pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), fui apresentada à cidade do Porto. Inicialmente, assim como muitos estudantes, enfrentei a indecisão, uma vez que desde a juventude nutria o sonho de estudar na prestigiada Universidade de Coimbra, especialmente renomada na área do Direito, a qual escolhi na adolescência. No entanto, ao descobrir minha verdadeira vocação na Comunicação, mais especificamente no Jornalismo, com um espectro mais abrangente, percebi que havia encontrado meu caminho.

Quando chegou o momento crucial da decisão, escolhi a Universidade do Porto, mesmo sem um conhecimento profundo da cidade ou o sonho inicial de viver lá. O fator decisivo foi sua sólida reputação, que exercia um poderoso apelo sobre mim.

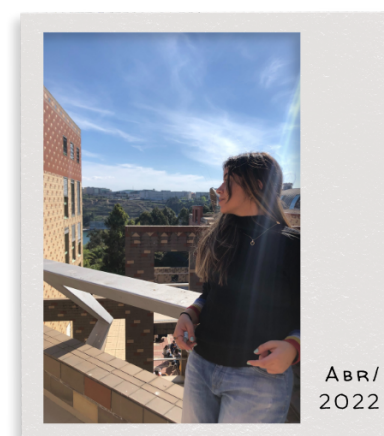
Para contextualizar, segundo a edição de 2023 do renomado Academic Ranking of World Universities (ARWU), a Universidade do Porto figura entre as 300 melhores instituições de ensino do mundo, liderando o cenário universitário português. Os critérios

avaliados pelo ARWU abrangem seis indicadores, como o número de ex-alunos e funcionários laureados com prêmios Nobel e medalhas Fields, a quantidade de pesquisadores altamente citados selecionados pela Clarivate, o volume de artigos publicados em revistas conceituadas como Nature e Science, o número de artigos indexados no Science Citation Index Expanded™ e Social Sciences Citation Index™ na Web of Science™, além do desempenho per capita da universidade.

A ADAPTAÇÃO
CULTURAL TAMBÉM
ESTEVE PRESENTE
NOS ESTUDOS



U.P E SUAS PARADES
QUADRICULDAS



Dando um spoiler, ao longo do tempo desenvolvi um profundo apreço pelo Porto, que, de certa forma, me escolheu. Isso se tornou evidente quando, ao visitar Coimbra, vivenciei uma

mistura de emoção e desconforto, inclusive chorando e sentindo dores nas pernas. A gratidão por não ter que encarar as subidas e descidas dos morros de Coimbra, com suas extensas escadarias, tornou-se um alívio notável para mim.



CONHECIDAS POR DESAFIAR
TANTO OS MÚSCULOS
QUANTO A RESISTÊNCIA
DOS ESTUDANTES!



Em 2022, dei início à minha jornada de um ano na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), uma instituição de destaque nacional e internacional no ensino e pesquisa nas áreas de Humanidades e Ciências Sociais, fundada em 1919. A FLUP é detentora de uma biblioteca singular, a mais encantadora que já testemunhei em uma instituição de ensino. Seus cinco andares repletos de livros, revistas, CDs e uma variedade de materiais me atraíam diariamente, levando-me a passar a maior parte dos meus dias imerso nesse ambiente.

Meu refúgio predileto era a parte mais baixa, o subsolo. Além de ser menos frequentado, pois poucos têm a coragem e a aptidão atlética para descer as escadas até lá, esse espaço contava com poltronas pretas e fofas de couro, ideais para desfrutar da leitura na posição mais confortável e inusitada possível.

Ah, o refeitório. Eu poderia brincar e dizer que era a minha parte preferida porque compunha o meu momento favorito, mas o que realmente me encantava era a culinária diferenciada oferecida lá. Normalmente, os pratos incluíam uma sopa e pão como entrada, seguidos pelo prato principal, geralmente à base de algum carboidrato, como batatas, e carnes brancas, como peixe ou frango. Para finalizar, a sobremesa consistia em uma opção entre gelatina, uma fruta ou um bolinho. Ah, e tudo isso acompanhado de um suquinho. Apesar de ser pago, o custo era bastante acessível, girando em torno de aproximadamente 3 euros.

Durante os horários de lanche, enfrentávamos alguns "vilões da paz". Em dias chuvosos, a chuva era uma ameaça, enquanto em dias ensolarados, os pombos se tornavam invasores das mesas, do teto, das cadeiras, das áreas gramadas e, se vacilasse, até de você.

Minha escolha predileta era o chocolate quente com croissant de chocolate. No entanto, nos últimos dias do mês, os cafés de máquina quebravam um galho, sendo que o de baunilha conquistou meu coração.

Há muito a ser descoberto sobre esta universidade, que acolhe cerca de 4.000 estudantes e apresenta uma ampla gama de programas acadêmicos, abrangendo áreas como artes e linguística, entre outros. No entanto, penso que os detalhes que compartilhei foram o bastante para aguçar seu interesse. Deixo a trama da curiosidade para que você a desenrole e explore os encantos que essa instituição tem a oferecer!

TIREI ESSAS FOTOS DO MEU COTIDIANO, SEM PRETENSÃO DE COLOCÁ-LAS EM UM LIVRO. MAS ACREDITO QUE ESSA É A MELHOR FORMA SE ACHEGAR A REALIDADE.



ALMOÇO NO REFEITÓRIO



MEU CANTINHO NA BIBLIOTECA!



AINDA HÁ NA UNIVERSIDADE, O "BAR DO TIO". ALÉM DE COMIDAS BOAS, SERVE CARISMA!



ESSE É O FAMOSO CHOCOLATE QUENTE. MINHA PARADA OBRIGATÓRIA!

CAPÍTULO III



Banquete literário

O mundo se revela através dos sentidos. Contemplamos o pôr-do-sol na Ribeira, sentimos a brisa do mar acariciando nossos pés, inalamos a salinidade do oceano, captamos as melodias dos fadistas ecoando e saboreamos um prato de Bacalhau à Brás. Comer transcende a mera nutrição, ultrapassando as necessidades fisiológicas. É um ato simbólico que conecta as pessoas à identidade de uma nação, permeando os diversos contextos sociais alimentares.

A gastronomia representa uma interferência nos referenciais e construções culturais de quem conduz o garfo à boca. Em Portugal, a Resolução do Conselho de Ministros nº 96/2000 consagra a gastronomia portuguesa como um componente vital do Patrimônio Cultural do país, reconhecendo-a como guardiã e promotora da rica cultura do povo lusitano.

Do século XIX até a metade do século XX, o Porto, assim como boa parte da Europa, esteve sob a forte influência da identidade gastronômica francesa, moldada pelos gostos da elite. No entanto, emerge uma classe de escritores que busca redefinir esse cenário, atribuindo valor à identidade própria nacional. Entre esses visionários, destaca-se Almeida Garrett, cuja obra transcende a página, alcançando também as mesas dos portuenses — e que empresta o seu nome à minha biblioteca favorita no Porto, a “Biblioteca Municipal Almeida Garrett”.



EU NAVEGANDO POR UMA
EXPOSIÇÃO "INTRIGANTE",
QUE CONECTAVA AS
QUESTÕES DA NATUREZA
COM A PRÓPRIA BIBLIOTECA.

Minha afinidade pelo átrio literário Almeida Garrett vai muito além de uma mera questão de prestígio, pois foi lá que vivi a maior parte dos meus momentos de estudo. A atmosfera única nos Jardins do Palácio de Cristal, com seus bancos e mesas de madeira, a diversidade de livros, a sala de leitura infantojuvenil e o inspirador auditório que recebe renomados palestrantes, deixaram uma saudade profunda. Foi nesse ambiente que conheci pessoalmente Mário de Carvalho.

Nascido em Lisboa em 1944, Mário se destaca como romancista, contista, dramaturgo e argumentista, consolidando sua posição de figura proeminente na literatura portuguesa. Sua obra singular é marcada por um humor e uma ironia distintos, habilmente empregados na exploração de temas complexos, como

política, história e sociedade. Com sua narrativa envolvente e perspicaz, ele transcende as convenções, oferecendo ao leitor uma visão única das complexidades do mundo em suas obras.

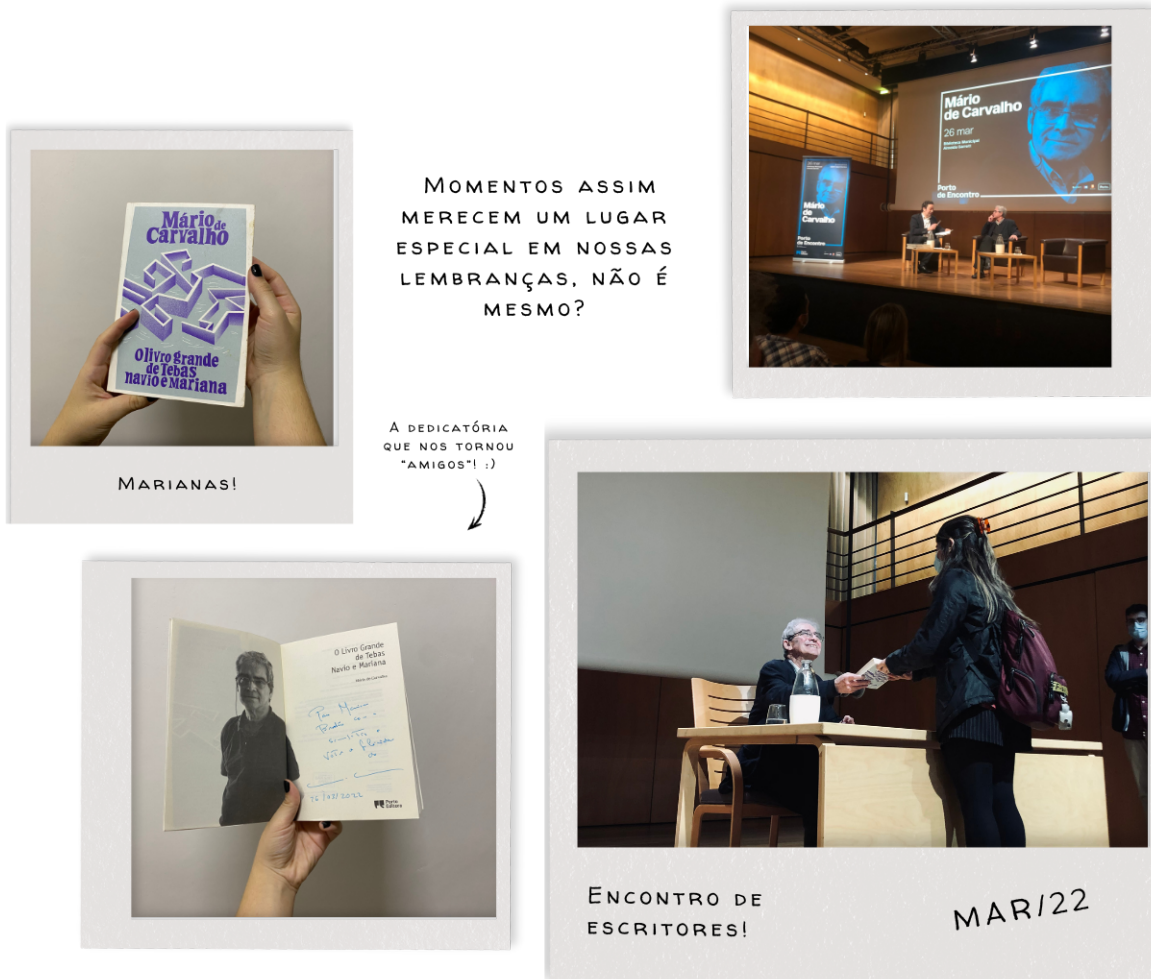
Pois bem! Em um dos meus momentos memoráveis na Almeida Garrett, tive a chance de adquirir uma obra de Mário de Carvalho, com direito a uma dedicatória especial, autógrafo e tudo mais. Deixe-me abrir um espaço breve para compartilhar como tudo aconteceu!

Em março de 2022, durante o evento Porto de Encontro, promovido pela Porto Editora, fui atraída por um tipo de *talk show* protagonizado por Mário de Carvalho. Na verdade, até aquele dia, eu não o conhecia, mas sua eloquência na escrita me cativou. Após o evento, empolgada, dirigi-me a uma banca do lado de fora para adquirir um exemplar de uma de suas obras.

Ao observar os diversos livros e folhear várias páginas, notei algo intrigante: o título, além de ser diferente, guardava uma surpresa inusitada. 'O Livro Grande de Tebas Navio e Marianas' - Marianas! Meu nome ali, integrado ao título da obra. Uma coincidência tão divertida que não pude resistir.

Entusiasmada, entrei na fila para encontrar o autor. Quando chegou minha vez, compartilhei com ele a sincronia entre meu nome e o título do livro. Ele, com um sorriso amistoso, autografou o exemplar e riu daquela ironia. 'Parece que o livro já tinha seu nome

escrito nele', comentou, tornando aquele momento ainda mais especial. Desde então, eu nos considero grandes amigos!



Aquela biblioteca, lá em Porto, não é só um paraíso literário, mas também um palco de encontros que pegam a gente de surpresa. Falar sobre aquele ambiente cheio de significado me leva a aprofundar um pouco no gigante da literatura portuguesa — que já mencionei anteriormente — que dá nome à biblioteca: João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett. Assim como Mário de Carvalho, o escritor trilhou caminhos marcados pelo romantismo e pela paixão pela escrita.

Almeida Garrett (Porto, 1799 – Lisboa, 1854), renomado escritor e dramaturgo romântico português, figura como uma das personalidades mais proeminentes do romantismo em Portugal. Seu legado inclui um papel vital como incentivador da dramaturgia lusa, marcado pela proposta visionária para a construção do célebre Teatro Nacional de D. Maria II e pela iniciativa de criar o Conservatório de Arte Dramática.

Entre as contribuições significativas de Garrett, está a obra "Viagens na Cozinha Portuguesa", publicada em 1844. Esse livro de crônicas é uma coletânea de textos que o autor acumulou ao longo de sua vida, oferecendo reflexões detalhadas sobre a gastronomia portuguesa. *Aqui, Garrett não só nos presenteia com suas histórias, mas nos leva a uma jornada culinária através do tempo.*

Desde receitas tradicionais até curiosidades sobre a história culinária do país, o livro é considerado uma referência essencial para o estudo da culinária lusitana, proporcionando uma visão abrangente que explora desde os pratos mais emblemáticos até as influências externas na culinária de Portugal. Um verdadeiro banquete para quem aprecia a culinária e suas histórias.

O seguinte trecho selecionado pertence ao capítulo "O Bacalhau", dedicado ao peixe nacional de Portugal. Nele, Garrett compartilha suas experiências na cozinha, revelando não apenas observações sobre a culinária local, mas também um mergulho nostálgico em sua própria infância.

O autor expressa saudades das refeições saborosas preparadas por sua mãe, e recorda com carinho as receitas antigas que ela guardava por escrito. Esse relato não apenas ilumina a culinária do país, mas também tece uma narrativa rica em memórias pessoais e apreciação pela tradição gastronômica:

“NÃO SEI SE A MINHA VIAGEM PELA COZINHA PORTUGUESA ME TERÁ DADO MUITAS LUZES SOBRE A CULINÁRIA DESTE PAÍS, MAS SEI QUE ME DEU MUITAS SAUDADES. SAUDADES DA MINHA INFÂNCIA, DAS MINHAS PRIMEIRAS COMILANÇAS, DOS SABOROSOS COZINHADOS DA MINHA MÃE, DAS SUAS RECEITAS ANTIGAS, QUE ELA GUARDAVA POR ESCRITO, E QUE EU TANTO AMAVA. RECORDO-ME, POR EXEMPLO, DE UM COZIDO À PORTUGUESA QUE ELA FAZIA, COM TODOS OS ENCHIDOS, COM O FEIJÃO BRANCO, COM AS CARNES, COM O ARROZ E COM AS COUVES. ERA UM PRATO TÃO SABOROSO, TÃO SUCULENTO, TÃO COMPLETO! É QUE SAUDADES TENHO TAMBÉM DO SEU BACALHAU À BRÁS, COM AS BATATAS, COM OS OVOS, COM A CEBOLA E COM O AZEITE! ERA UM PRATO TÃO SIMPLES, MAS TÃO DELICIOSO! A MINHA VIAGEM PELA COZINHA PORTUGUESA TAMBÉM ME DEU SAUDADES DE PORTUGAL. SAUDADES DAS SUAS GENTES, DAS SUAS TRADIÇÕES, DA SUA CULTURA. SAUDADES DE UM PAÍS QUE, APESAR DE TODAS AS SUAS DIFICULDADES, TEM UMA GASTRONOMIA RICA E VARIADA, QUE É UM TESTEMUNHO DA SUA HISTÓRIA E DA SUA IDENTIDADE.”

A cozinha portuguesa passou a ganhar força em seus próprios rituais festivos, nos pratos típicos de datas comemorativas, fortalecendo as tradições.


 IMAGINO O QUÃO INCRÍVEIS
 DEVEM SER ESSAS FESTAS
 COM TODO ESSE SABOR!

Porém, o poder da gastronomia passou a ser utilizado por alguns regimes políticos para disseminar e fortalecer seus ideais. O Estado Novo (1933-1974), por exemplo, sob o governo de António de Oliveira Salazar, promoveu uma ideologia de nacionalismo e conservadorismo, que também se estendia à esfera cultural, incluindo a culinária. Parece que a política encontrou um jeito de entrar na cozinha, *literalmente*!

Havia uma ênfase em pratos tradicionais portugueses e uma valorização da cozinha local como parte integrante da identidade nacional. A promoção da dieta mediterrânea e dos produtos locais era uma forma de fortalecer a ideia de uma nação unida em torno de tradições compartilhadas. Nada como uma boa comida para unir as pessoas, não é?

A culinária portuense, por sua vez, está intrinsecamente ligada a uma região marcada pela proximidade do rio Douro e do oceano Atlântico. Em 1991, o renomado historiador do Porto, Helder Pacheco, presenteou os amantes da cultura local com sua obra “Tradições Populares do Porto”. Em um dos cativantes capítulos

dedicados à culinária típica da cidade, Pacheco enfatiza o bacalhau como um elemento inquestionável da identidade nacional, levando em consideração os diversos matizes políticos, econômicos e sociais que o envolvem.

No inspirador capítulo intitulado "Gastronomia e Artesanato", que desvenda a riqueza da culinária e do artesanato portuense, o autor destaca de maneira eloquente:

"O BACALHAU EMERGE COMO O PEIXE MAIS ICÔNICO DO PORTO, TRANSCENDENDO SUA MERA CONDIÇÃO DE ALIMENTO PARA SE TORNAR UM SÍMBOLO VIBRANTE DA CIDADE, IMISCUINDO-SE EM SUAS TRADIÇÕES POPULARES. INTRODUZIDO NO PORTO NO SÉCULO XIV PELOS DESTEMIDOS PESCADORES NORUEGUESES, O BACALHAU CONQUISTOU RAPIDAMENTE O PALADAR LOCAL, ENALTECENDO-SE POR SEU SABOR SINGULAR E NOTÁVEL VERSATILIDADE CULINÁRIA. CADA FAMÍLIA PORTUENSE TEM SUAS RECEITAS EXCLUSIVAS PARA PREPARAR ESSE TESOURO MARINHO, RESULTANDO EM UMA VARIEDADE DE PRATOS DE BACALHAU QUE SÃO VERDADEIRAS OBRAS-PRIMAS GASTRONÔMICAS. ENTRE OS MAIS CELEBRADOS, DESTACAM-SE O BACALHAU À BRÁS, O COZIDO À PORTUGUESA, O BACALHAU À GOMES DE SÁ E O BACALHAU COM NATAS."

Este relato proporciona não apenas uma visão saborosa da tradição gastronômica do Porto, mas também uma imersão nas histórias e saberes transmitidos através das gerações. É como se o

bacalhau fosse a *estrela principal* de um espetáculo culinário que define a identidade vibrante da cidade.

Entretanto, a riqueza culinária do Porto não se limita apenas aos pratos à base de pescados; ela se estende para abranger uma impressionante variedade de sabores. Na região Norte, a mesa é farta e generosa — um verdadeiro paraíso para os amantes da comida!

Sob a perspectiva de Sara Sequeira, uma grande amiga que fiz em Porto, uma mulher doce, linda, muito querida e uma excepcional chef de cozinha, a culinária portuense revela uma rica tradição ancorada no resgate de receitas antigas, um verdadeiro legado transmitido pelas avós. A essência está em manter viva a autenticidade das preparações, mergulhando nas raízes culinárias que fizeram parte da história familiar. “A variedade dá-se talvez pela história portuguesa, de ter descoberto uma série de continentes e muitas matérias primas”, me disse ela.

Aproveitando a oportunidade, gostaria de me aprofundar um pouco na minha experiência com Sara, aquela que compartilhou comigo não apenas os sabores ricos da culinária portuense, mas também os momentos mais acolhedores que a vida poderia oferecer. Sara, não apenas me guiou através das nuances da gastronomia local, mas também abriu as portas de sua família, proporcionando-me um lar.



MEU ÚLTIMO DIA EM
FAMÍLIA NO PORTO!



SARA, MINHA IRMÃ
PARA ALÉM DO MAR!



SARA E DANIEL, ELES SÃO
MUITO ENGRAÇADOS JUNTOS



CAPELA DO SENHOR DA PEDRA
LOCALIZADA NA PRAIA DE MIRAMAR



SEU MANEL DOS ÓCULOS DE SOL,
AMANTE DE CASTANHAS & MÃE
DUDA, QUE AMA ME OUVIR CANTAR



NESSE DIA, CORRI ATÉ
PRAIA E FIQUEI POR HORAS
CONTEMPLANDO O MAR

Quando dei o passo de me instalar no alojamento da família da Sara, não imaginava que estava prestes a encontrar não apenas um lugar para viver, mas uma segunda família. A transformação foi gradual, porém significativa. Nossos laços ultrapassaram as fronteiras de um simples coleguismo de trabalho. Aquela família se tornou meu apoio e um porto seguro durante os meus últimos seis meses na cidade.

Não se tratava apenas de compartilhar refeições ou sair juntos; era um suporte emocional que ia além das formalidades diárias. A mãe da Sara, com um carinho sincero, começou a me chamar de filha, e aos poucos, senti-me genuinamente parte daquele núcleo caloroso.

Contudo, foi em dezembro de 2022, durante o Natal, que essa conexão atingiu um ponto alto inesquecível para mim. Distante das típicas tradições natalinas brasileiras, pude me aprofundar em uma atmosfera completamente diferente. Fui cercada por comidas típicas, músicas que irradiavam alegria e rituais desconhecidos por mim. Foi mais do que uma simples festa; foi uma imersão completa em uma tradição que me acolheu de braços abertos.



"O QUE A MEMÓRIA
AMA FICA ETERNO. TE
AMO COM A MEMÓRIA,
IMPERECÍVEL."

— AdÉLIA PRADO



Aquele Natal no Porto permanece, sem dúvida, como o *mais especial da minha vida*. Entre risos, abraços e a magia daquele ambiente, compreendi o verdadeiro significado de ter uma família — sem nenhum tipo de ligação sanguínea — para chamar de minha, mesmo estando longe de casa. Até hoje, as lembranças desse período aquecem meu coração, trazendo uma saudade doce e uma profunda gratidão por ter vivido algo tão especial e singular.

Após essa experiência única que marcou minha passagem por Porto, principalmente por ter a oportunidade de experimentar sabores tão diferentes, não posso deixar de mencionar os sete pratos

típicos que deixaram uma marca indelével em minha memória gustativa. Prepare-se para a irresistível *Francesinha*, que é uma explosão de sabores em cada mordida.

SE VOCÊ NUNCA EXPERIMENTOU UMA
FRANCESINHA, ESTÁ PERDENDO UMA
EXPERIÊNCIA CULINÁRIA ÉPICA!



Em seguida, temos as autênticas *Tripas à Moda do Porto*. Não se deixe enganar pelo nome; estas tripas são uma deliciosa mistura de carne, feijão e vegetais, criando uma sinfonia de sabores que conta a história da cidade em cada garfada. Uma verdadeira viagem no tempo através do paladar!



TRIPAS À MODA DO PORTO PODE NÃO
SOAR MUITO APETITOSO, MAS O SABOR É
DE OUTRO MUNDO. UMA MISTURA ÚNICA
QUE VALE A PENA EXPERIMENTAR!

E claro, não posso esquecer o clássico *Bacalhau à Gomes de Sá*, que é como uma obra de arte no prato, seguido pelo saboroso *Arroz de Marisco*, que transporta você diretamente para as águas salgadas do oceano. O reconfortante *Caldo Verde* é como um abraço em forma de sopa; os vegetais frescos se misturam harmoniosamente, proporcionando um sabor que aquece não apenas o corpo, mas também a alma. Já as deliciosas *Sardinhas Assadas* trazem o aroma inconfundível das ruas portuárias; o cheiro delicioso é apenas o prelúdio para o sabor marcante que se segue.

E para finalizar, temos a encantadora *Doçaria Tradicional*, que é praticamente um conto de fadas em forma de sobremesa. Ah, os *Pastéis de Nata*, meus amigos, são uma verdadeira perdição para o paladar. Imagina uma massa folhada delicada, que se desfaz na boca, e um recheio cremoso de ovos e canela que te faz suspirar de prazer. É quase como uma poesia culinária, uma ode à doçura que só os portugueses sabem criar.

↙

AH, OS PASTÉIS DE
NATA, ESSES PEQUENOS
PEDAÇOS DE CÉU EM
FORMA DE SOBREMESA!

SE JÁ TEVE A SORTE DE
SABOREAR UM PASTEL DE NATA,
SABE DO QUE ESTOU FALANDO.
SE AINDA NÃO TEVE ESSA
EXPERIÊNCIA DIVINA, BEM, SUA
VIDA ESTÁ PRESTES A GANHAR
UM TOQUE MAIS DOCE.



Esses pratos não são apenas iguarias locais; eles são narradores de histórias, *guardiões de tradições* e manifestações de paixões que enriquecem cada experiência gastronômica na encantadora cidade do Porto.

Estes pratos não apenas representam a culinária local, mas também contam histórias de tradições, saberes e paixões que

enriquecem a experiência gastronômica na encantadora cidade do Porto.

É incrível como a comida pode ser uma narrativa viva, não é? Cada prato conta uma história diferente.

A TÍPICA FRANCESINHA

Dentre os diversos pratos portuenses, trago aqui o meu favorito: a *Francesinha*. Um sanduíche que transcende as fronteiras e com uma combinação única de sabores. Um prato que equilibra simplicidade e sofisticação, conquistando o paladar de turistas e locais por igual.



→ PARTICULARMENTE, EU ADOREI.

A receita clássica da Francesinha envolve camadas generosas de pão de forma, presunto (fiambre), linguiça, salsicha, bife e queijo.

Essa construção deliciosa é então coberta com mais queijo, levada ao forno para um irresistível derretimento e, finalmente, agraciada com um molho levemente picante.

O resultado é uma explosão de sabores marcantes e uma variedade de texturas que fazem desse sanduíche uma verdadeira experiência gastronômica. *É quase uma obra de arte culinária, se me permite exagerar um pouquinho.*

Confesso que meu gosto pelo prato não foi como uma paixão à primeira vista, pois seu forte sabor me trouxe estranhamento. Contudo, ao provar pela segunda vez, no local ideal, me apaixonei. Apesar das ricas tradições gastronômicas do Porto, a Francesinha é um prato relativamente jovem, nascido na Regaleira em 1952.



PAREDES QUE CONTAM
MIL E UMA HISTÓRIAS!



AS PORTAS DO RESTAURANTE A
REGALEIRA. O PORTAL ILUSTRE
HISTÓRICO DO PALADAR.



O restaurante A Regaleira, localizado em Porto, é mais do que um simples restaurante para os amantes da gastronomia portuense. É um local que respira história e tradição desde 1934, quando abriu suas portas pela primeira vez. Imagino o aroma envolvente que paira no ar, misturando-se com a essência de décadas de experiência culinária.

Ao entrevistar Francisco Passos, gerente da Regaleira, para a rádio universitária PortOuvido, ligada ao JornalismoPortoNet (JPN) — um jornal multimídia que se destaca como uma fonte de informação geral e atualização constante —, pude explorar a fascinante história por trás dessa iguaria. Segundo ele, a inspiração veio de Daniel Davi da Silva, que, enquanto trabalhava em um hotel na Bélgica ou na França como imigrante, atraiu a atenção do avô de Francisco, Antônio Passos.

Achando a situação divertida, Antônio chamou Daniel para se juntar à equipe. Daniel, trazendo consigo experiências e ideias culinárias da Europa, combinou a influência do famoso sanduíche francês *croque monsieur* com as carnes locais, resultando na criação da Francesinha única da Regaleira. Essa delícia continua a encantar os paladares até os dias de hoje. E, eu, particularmente, agradeço por esse encontro culinário tão especial!

Este emblemático prato portuense destaca-se por sua versatilidade, podendo ser montado de diversas maneiras para atender aos mais variados paladares. Durante a entrevista realizada

para o jornal, Manuel Mota, um funcionário dedicado da Regaleira desde 1978, proporcionou um toque típico português e uma visão cativante sobre suas preferências em relação a essa iguaria.

Com um sorriso característico, Manuel compartilhou seu apreço pela Francesinha, afirmando que é, sem dúvida, a melhor que já provou em toda a sua vida. Destacou especialmente a qualidade excepcional do molho, elemento crucial no sabor do prato. Em meio a risos, brincou sobre suas preferências pessoais, revelando que prefere a sua Francesinha sem ovo e, se possível, sem batata.

Entre uma risada e outra, soltou de forma descontraída: "Eu comeria todos os dias, sabes, mas o patrão é que não autoriza. Tou a brincar..." — uma pitada de humor que reflete a paixão e o carinho envolvidos na experiência gastronômica da Francesinha na Regaleira. *E cá entre nós, quem pode resistir a uma Francesinha?*



MOMENTO EM
QUE EXPERIENTEI
A FRANCESINHA
DA REGALEIRA!



O nome "Francesinha" surgiu de uma interessante inspiração compartilhada por Francisco Passos. Ele explicou que o nome foi adicionado mais tarde, quando o molho picante foi introduzido no prato. Esse toque picante na receita tem raízes nas observações de Daniel Davi da Silva, o criador da Francesinha, que retornou a Portugal no início da década de 1950.

Nesse período, houve um *boom* da minissaia em Paris, simbolizando uma época em que a mulher francesa, aos olhos de Daniel, representava uma figura mais ousada e expressiva em comparação com a mulher portuguesa, que ainda estava fortemente ligada aos costumes tradicionais e conventuais.

Observando essa diferença cultural, Daniel decidiu prestar homenagem às mulheres francesas, que considerava mais picantes, batizando o prato de "Francesinha" como um gesto de reconhecimento e celebração dessa liberdade de expressão que ele associava às mulheres francesas na década de 50.

A Francesinha, com sua robusta explosão de sabores, harmoniza-se perfeitamente com a tradição culinária distintiva do Norte de Portugal. Este prato recebeu tantos louvores quanto críticas internacionalmente, sendo descrito como uma combinação que pode ser tanto mortal quanto imortal. Escrita por Rachel Rigby, para a Times Of Malta, o texto critica os sabores da Francesinha na seguinte fala: “Como nunca tínhamos experimentado antes, tivemos que parar e experimentar. Compartilhamos uma entre nós e nos

sentimos um pouco mal. Não era tão saboroso, então estou surpreso que seja um prato tão popular. Foi então que percebemos que, enquanto era fácil descer até o porto, a subida de volta era íngreme. Pelo menos tivemos a chance de nos livrar da Francesinha [...].”

Em renomados veículos como a conhecida revista britânica e site de viagens *The Culture Trip*, a Francesinha é destacada no menu europeu essencial, figurando entre os Top 10 dos sabores mais incríveis da Europa. A revista esbanja comentários como:

“NÃO HÁ NADA DE DELICADO OU GOURMET NA REIVINDICAÇÃO CULINÁRIA DO PORTO À FAMA, O QUE TORNA ESTE LOCAL UMA PAUSA BEM-VINDA EM RELAÇÃO A MUITAS DAS OUTRAS IGUARIAS DESTA LISTA. NA VERDADE, A FRANCESINHA, UMA TORRE DE SABOR COM CAMADAS GENEROSAS DE QUEIJO DERRETIDO, SALSICHAS CHIPOLATA CORTADAS, FATIAS DE PRESUNTO CROCANTE, BIFES SUCULENTOS E OUTRAS IGUARIAS DE CARNE; É UMA REFEIÇÃO FARTA DE PROPORÇÕES ÉPICAS, SERVIDA COM UMA GENEROSA PORÇÃO DE BATATAS FRITAS E REGADA COM SEU CARACTERÍSTICO MOLHO. SE BUSCA O MELHOR QUE A CIDADE DO NORTE DE PORTUGAL TEM A OFERECER...”

Uma certeza persiste: a Francesinha não deixa ninguém indiferente. É tipo a estrela do Porto, uma diva gastronômica que simplesmente não aceita ser ignorada. Eu mesma sou uma admiradora dessa delícia portuense! Mas sério, a Francesinha é

dessas comidas que deixam marcas, no bom sentido, claro. Já se rendeu a essa delícia ou está esperando o convite irresistível? Porque, sério, essa experiência vale cada pedacinho.

VINHO DO PORTO

A essência intrínseca da cidade do Porto é delineada por uma tapeçaria de elementos que incluem o serpenteante rio, o dinamismo do comércio, a pulsação da indústria, a solidez do granito e a vastidão do Oceano Atlântico. Desde seus primórdios, esta urbe floresceu à sombra das atividades que desabrochavam em seu porto, sendo o vinho uma das commodities primordiais no comércio do principal porto do Norte de Portugal, ao lado do sal.

O “Vinho do Porto” é uma bebida que ostenta o nome da cidade, originário da região vinícola do Alto Douro, reconhecida como a mais antiga área demarcada para vinhos no mundo. Os registros datam pelo menos desde 1371, evidenciando a habilidade dos comerciantes portuenses em exportar essa valiosa bebida e marcando uma tradição profundamente enraizada nas transações comerciais regionais.

Essa refinada criação transcende fronteiras, conquistando paladares globalmente, e é exportada a partir de adegas estrategicamente posicionadas ao longo da margem esquerda do rio Douro, nas proximidades de Vila Nova de Gaia, onde se encontram

as adegas que desempenham um papel vital na maturação desse vinho singular.

O Vinho do Porto não apenas exerceu um papel central na economia nacional, mas também se tornou um distintivo símbolo da identidade portuguesa no contexto global. Mais do que um mero presente da natureza, representa uma densa herança histórica, um patrimônio cultural coletivo construído ao longo de gerações. Nas últimas duas décadas, o setor do vinho do Porto passou por transformações significativas.

A história do vinhedo do Alto Douro remonta a séculos antigos, com vestígios arqueológicos e referências documentais que destacam a persistência cultural dedicada à vitivinicultura.

A denominação "Vinho do Porto" emergiu na segunda metade do século XVII, impulsionada pela expansão da viticultura na região do Douro e pelo rápido aumento nas exportações de vinhos. Essa tradição vinícola não apenas enriquece a história local, mas também entrelaça uma narrativa que conecta o comércio portuense, a majestosa paisagem do Douro e a identidade cultural única representada pelo Vinho do Porto.

No século XVIII, à medida que o consumo de vinho se disseminava na Europa, impulsionado pelo crescimento da vida urbana, dos círculos cortesãos e do dinamismo comercial, o Vinho do Porto ganhava destaque, marcando sua presença nos contextos culturais e comerciais da época.

Ao longo das últimas décadas do século XX e no novo milênio, o Vinho do Porto consolidou sua posição como uma joia enológica de renome mundial. O consumo de vinho do Porto de qualidade expandiu-se consideravelmente, ultrapassando fronteiras europeias e ganhando destaque global. Embora a Grã-Bretanha tenha mantido sua posição como principal consumidora, observou-se um deslocamento significativo do centro de gravidade para a América do Norte, onde os Estados Unidos e o Canadá emergiram como consumidores importantes, apreciando a riqueza e a complexidade dessa bebida única. Além disso, a partir dos anos 1980 e 1990, a região passou de fornecedora de uvas e vinhos para empresas e países, como França e Brasil, assumindo a vocação vitivinícola que, hoje, a torna reconhecida mundialmente.

O Vinho do Porto, enraizado em tradições seculares e com um patrimônio extraordinário, adaptou-se de maneira notável ao longo do tempo, continuando a atrair novas gerações de apreciadores. Tendências contemporâneas, como o crescente interesse global na cultura vinícola, na apreciação do vinho e na sua integração na gastronomia, têm favorecido o Vinho do Porto. Sua diversidade de estilos e sabores o coloca em posição privilegiada para atender a essa crescente demanda por experiências autênticas e ricas em história.

A produção do Vinho do Porto é intrinsecamente ligada à diversidade de uvas, desempenhando um papel crucial no processo. Estima-se que mais de 80 castas distintas sejam cultivadas e

utilizadas na produção de vinhos tranquilos e fortificados no exuberante Vale do Douro. Essa multiplicidade é evidenciada nos vinhedos, onde frequentemente mais de 20 variedades coexistem. Entre elas, destacam-se personalidades marcantes como Touriga Nacional, Touriga Franca, Tinta Roriz e Tinto Cão.

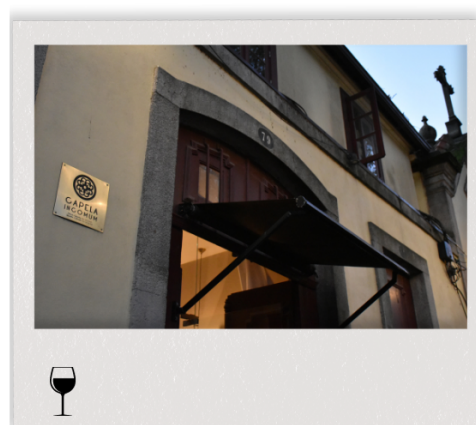
O processo de vinificação tradicional é uma expressão cuidadosa desse legado vitivinícola. Inicia-se com a colheita manual das uvas, seguida pela tradicional pisa nos lagares para extrair o precioso mosto. A fermentação, vital para a qualidade, é habilmente interrompida pela adição de aguardente vínica, preservando o açúcar natural das uvas. A jornada do vinho continua com o envelhecimento paciente em barris de carvalho, onde adquire complexidade e sabor ao longo do tempo. Essa sinfonia de variedades e técnicas contribui para a riqueza e singularidade do Vinho do Porto.

O Vinho do Porto apresenta diversas categorias, desde o jovem e vibrante Ruby até o envelhecido Tawny, com tons amadeirados e aromas de frutas secas. O Vintage, produzido apenas em anos excepcionais, envelhece na garrafa, resultando em um vinho complexo e de grande qualidade. A harmonização é versátil, combinando com queijos intensos, sobremesas à base de chocolate, frutas secas e caramelo, além de ser uma excelente escolha para acompanhar pratos principais, como cordeiro ou pato.

O Vinho do Porto não é apenas uma delícia sensorial; é um patrimônio cultural reconhecido, desempenhando um papel significativo na economia local e nas exportações de vinhos portugueses. Associado a momentos festivos e especiais, é apreciado em diversas ocasiões, incluindo cerimônias, celebrações e momentos marcantes. O Vinho do Porto continua a cativar paladares, oferecendo uma jornada única e fascinante por meio de suas variedades, aromas e histórias que transcenderam gerações.



BEM, PARECE QUE NO PORTO,
ATÉ AS ADEGAS TÊM SUA
PRÓPRIA AURA SAGRADA!

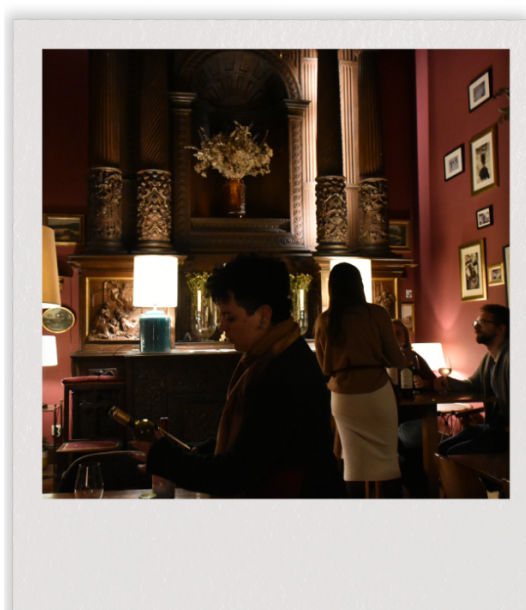


No Porto, destacam-se diversos espaços e adegas fascinantes, e entre eles a notável Capela Incomum se destaca. Este singular bar de vinhos, situado em uma antiga capela, carrega consigo uma história que remonta ao século XIX, quando foi mandado construir pelo primeiro visconde de Vilarinho de São Romão.

Curiosamente, o visconde, além de ser um apreciador de vinhos, era um especialista em agricultura e vitivinicultura, deixando seu legado não apenas nas páginas de seus livros, mas

também na forma dessa impressionante construção religiosa transformada em adega. A fusão de sua devoção religiosa e paixão pelos vinhos conferiu à Capela Incomum uma singularidade que a torna verdadeiramente especial.

A transformação da capela em uma adega, decidida pela proprietária Francisca Lobão, é um tributo inteligente aos gostos e preferências do visconde original. Sob sua direção, o edifício adquiriu uma nova vida e propósito, preservando a reverência ao passado religioso enquanto se adapta de maneira única ao presente como um espaço dedicado à apreciação e celebração de vinhos.



IMAGINA SÓ,
NÃO É TODO DIA
QUE VOCÊ PODE
SE GABAR DE
COMER E BEBER
EM UM "ALTAR"

Frequentado principalmente por turistas, o local atrai não apenas pela sua reputação como detentor dos melhores vinhos das castas mais renomadas do Porto, mas também pela experiência única que proporciona. Um cliente expressou sua admiração ao dizer: "Esta é a primeira vez que como e bebo em um altar na vida".

Este testemunho reflete a singularidade e a atmosfera marcante que a Capela Incomum oferece aos seus visitantes.

Na entrevista com a proprietária do espaço, Francisca Lobão, carinhosamente conhecida como Chica, ela compartilhou a principal motivação dos visitantes: "Acredito que as pessoas, quando vêm aqui, estão em busca, primeiramente, dos vinhos locais no local em que se encontram. Elas procuram uma experiência imediata com o que temos aqui", afirmou.

TRABALHAR ALI FOI
MUITO DESAFIADOR,
MAS PUDE CRESCER E
APRENDER A PERSISTIR!



EU E UM VINHO BRANCO - RUFIA SKIN
DA QUINTA DA BOAVISTA

Tive a oportunidade de trabalhar na Capela. O que inicialmente era um emprego de meio período para o verão, acabou por se estender até o final do ano, proporcionando-me não apenas uma experiência profissional enriquecedora, mas também conexões que perduram para *toda a vida*.

No momento de minha despedida do Porto, em minha última noite naquela cidade, lembro que eu estava sobrecarregada de

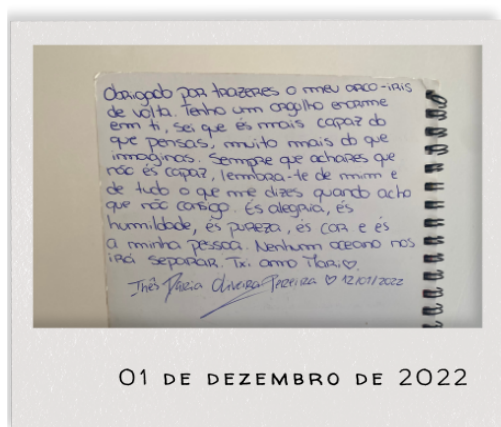
sentimentos, afazeres e responsabilidades. Saí ao encontro de algumas amigas importantes e naquele recanto acolhedor da adega lotada e extremamente barulhenta, onde o aroma envelhecido dos vinhos se entrelaçava com a efervescência do peso das muitas emoções, criamos um espaço só nosso, íntimo e sentimental.

“COM O TEMPO, A GENTE ENTENDE. ENTENDE AS PORTAS QUE SE ABREM E AS MUDANÇAS DE DIREÇÃO DO VENTO. OS DESFECHOS INESPERADOS ME DEIXAM GRATA, POIS AS COISAS NÃO FLUEM SEMPRE DA FORMA QUE PLANEJO. UMA GOIANA, NADA CHEGADA AO ÁLCOOL, A TRABALHAR EM UM BAR. NO QUE ISSO PODERIA RESULTAR? RESULTOU EM MUITA COISA! TANTA QUE NÃO CABE EM MINHA MALA. OS ENSINAMENTOS DA CAPELA TRANSCENDERAM AS LIÇÕES DA UNIVERSIDADE. AQUI, APRENDI QUE A AÇÃO PRECEDE O PENSAMENTO, QUE O CARISMA FIDELIZA PESSOAS E QUE UM SAMBINHA CAI BEM EM QUALQUER MOMENTO DO DIA. SOU GRATA PELA PACIÊNCIA COM QUE ME ENSINARAM E PELO AMOR DE IRMÃ QUE COMIGO TIVERAM. INDEPENDENTE DOS MOMENTOS DE “PÔ MARIANAA!”. PENSEI QUE REGRESSARIA AO BRASIL SABENDO FAZER CHOURIÇO, TÁBUA DE QUEIJOS E SANGRIAS. NO ENTANTO, APRENDI MUITO MAIS... APRENDI A SER MULHER. VOCÊS SÃO FORTES, ELEGANTES, CARISMÁTICAS, INTELIGENTES, BELAS E DONAS DE UMA PERSONALIDADE FIRME. EU NÃO PODERIA ESTAR EM UM LUGAR MELHOR. OBRIGADA POR PARTICIPAREM DO MEU PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E, EM TÃO POUCO TEMPO, CONQUISTAREM MEU CORAÇÃO. QUE O VENTO NOS UNA NOVAMENTE. ATÉ UMA PRÓXIMA ESTAÇÃO!”

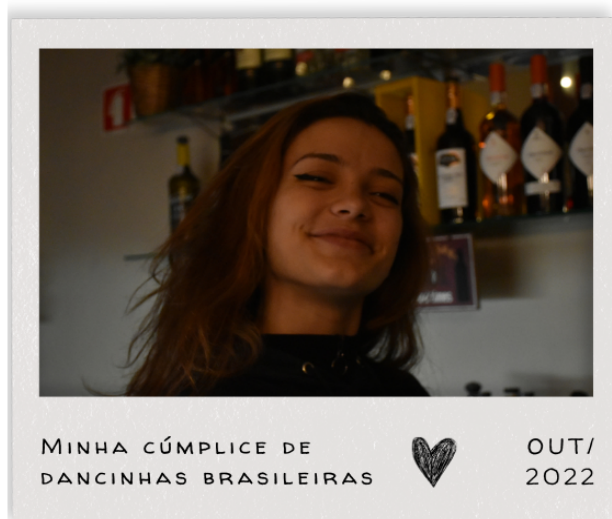
Um pouco antes, havia escrito essa carta. Lembro de lê-la com muito cuidado para os ouvidos bem atentos em mim. As palavras fluíram com a delicadeza da saudade iminente, e cada frase

carregava o peso dos dias vividos. Em meio às lágrimas, testemunhas silenciosas de uma despedida que era mais do que física, compartilhei minhas palavras em voz alta.

A singularidade daquele momento tornou-se um capítulo à parte na história que estávamos prestes a pausar naquela noite. Os olhos marejados refletiam a despedida, mas também uma profunda conexão. Chica, que é uma mulher divertida de cabelos ondulados e castanhos, um ser cheio de vida, presenteou-me com algo que guardo até hoje: uma garrafa de vinho *Fine Ruby*. Não era apenas uma bebida a ser apreciada, mas um elo tangível com aquele lugar, aquelas pessoas, aquela ocasião.



"SEMPRE QUE ACHARES QUE NÃO
ÉS CAPAZ, LEMBRA-TE DE MIM E
DE TUDO O QUE ME DIZES QUANDO
ACHO QUE NÃO CONSIGO."



INÊS, AQUELA QUE ME OLHOU NOS
OLHOS E ME ENSINOU A SER FORTE!



PRESENTINHO DA CHICA QUE
SERÁ ABERTO QUANDO ESTE
LIVRO CHEGAR AO FIM!



OUT/
2022

ALGUMAS DAS MINHAS
QUERIDAS CAPELINHAS!

DOCE DORINHA,
A PATROCINADORA
DOS MEUS SUCOS

BRU, DONA DAS MELHORES
PLAYLISTS DE MPB



NA CAPELA!

Hoje, ao desenrolar tal história contida naqueles dias, sinto-me reviver toda a clemência que transbordou de nós no ruidoso e belo Porto.



CAPÍTULO IV



Desafios históricos

O Porto é renomado por sua efervescente cena cultural, onde teatros, museus e galerias de arte são protagonistas, e destaca-se como lar do Museu de Arte Contemporânea, um dos mais frequentados do país. Neste museu, as criações de diversos artistas contemporâneos dividem espaço com a flora típica da região norte de Portugal, nos jardins do envolvente Parque de Serralves, com artes contemporâneas produzidas desde os anos 1960 até a atualidade. Ali, por exemplo, está em exposição permanente uma invejável coleção de telas do pintor espanhol Salvador Dalí, com um pavilhão dedicado especialmente para este acervo.

A cidade ostenta um calendário cultural quase impossível de acompanhar, com mais de 10 mil eventos anuais que abarcam uma diversidade de expressões artísticas. Não há como ficar parado. É possível presenciar desde emocionantes concertos a cativantes apresentações teatrais, exposições inspiradoras e festas com DJs e músicos em geral, renomados em algumas das inúmeras discotecas e bares da cidade. O Porto irradia uma energia criativa que se harmoniza com sua rica herança cultural. Todavia, Portugal nem sempre foi assim. Entre os anos de 1933 e 1974, o país foi submetido ao regime do Estado Novo, caracterizado por seu autoritarismo, nacionalismo, tradicionalismo e corporativismo.

Para compreender esse contexto, é crucial considerar a trajetória política portuguesa que antecedeu esse período. Antes do movimento republicano em 1910, Portugal era um país fortemente influenciado pelo sistema monárquico, em que a realeza tinha um papel central na estrutura política. No entanto, a fervorosa demanda por mudanças, liderada pelo Partido Republicano Português, deu início a uma reviravolta significativa na forma de governo, resultando na transição para uma República. Esse período de transição foi marcado por intensos debates e agitações, refletindo uma profunda busca por uma identidade política renovada e mais igualitária.

Durante o reinado do penúltimo monarca, D. Carlos I, Portugal passou por um período histórico destacado pela dinâmica política e crises enfrentadas. Sua ascensão ao trono, em 1889, foi marcada por desafios, incluindo o Ultimato da Inglaterra, em 1890, que desencadeou uma crise profunda. Apesar das adversidades, a dinastia dos Braganças conseguiu sobreviver, enfrentando não apenas a crise bancária de 1891, mas também desafios econômicos subsequentes.

Na esfera colonial, o tratado de 1891 na África refletiu uma situação menos favorável para Portugal, em comparação com acordos anteriores. No entanto, Lisboa manteve seu vasto território por meio de campanhas de pacificação, resistindo à ameaça de partilha das colônias devido aos acordos secretos anglo-alemães de

1898 e 1913. Este período solidificou o terceiro império colonial português, que perduraria até 1975.

A narrativa política destaca o "rotativismo" entre os partidos Regenerador e Progressista de 1903 a 1906. A insatisfação com esse sistema levou D. Carlos I a nomear como João Franco como primeiro-ministro em maio de 1906. Embora Franco carecesse de maioria parlamentar, ele buscou apoio do Partido Progressista de José Luciano de Castro, garantindo vitória nas eleições de agosto de 1906.

Franco, almejando reformas e transparência na vida pública, viu suas propostas enfrentarem resistência. A crise política agravou-se na primavera de 1907, com o Partido Progressista retirando seu apoio. Ao invés de renunciar, Franco dissolveu o parlamento, inaugurando a "ditadura de João Franco" de maio de 1907 a janeiro de 1908. Esse período foi marcado por agitações, incluindo a greve acadêmica de Coimbra e polêmicas sobre o decreto que eliminava as dívidas da Casa Real.

A crise atingiu seu clímax com a tentativa revolucionária de 28 de janeiro de 1908. Os eventos culminaram na tragédia do Terreiro do Paço em 1º de fevereiro, quando D. Carlos I e D. Luís Filipe foram mortos em um tiroteio, resultando no ferimento de D. Manuel, que sucedeu ao trono. A questão dos mandantes do atentado permaneceu envolta em mistério, gerando especulações

sobre a possível participação de grupos republicanos ou monárquicos descontentes.

A resposta ao regicídio foi marcada por uma falta aparente de investigação aprofundada e pela ascensão rápida ao trono do filho mais novo de D. Carlos, D. Manuel II, um jovem inexperiente de apenas 18 anos de idade. Este evento trágico desencadeou uma série de reações na sociedade portuguesa, acirrando as tensões políticas e contribuindo significativamente para o declínio da monarquia. O crescente sentimento republicano ganhou força, culminando na Proclamação da República em 1910, sinalizando o fim definitivo da monarquia em Portugal.

O historiador Nuno Teixeira, em seu livro *O Regicídio de 1908: Causas, Consequências e Mitos*, afirma: "O regicídio de 1908 foi um evento trágico que teve um impacto profundo na história de Portugal. Ele marcou o fim da monarquia em Portugal e o início de um período de instabilidade política que durou décadas".

A mudança para o sistema republicano, entretanto, não foi sem dificuldades. O envolvimento de Portugal na Primeira Guerra Mundial acrescentou novas camadas de desafios, tanto em termos políticos quanto econômicos, testando os limites da nova administração e sua capacidade de enfrentar questões complexas em um cenário global tumultuado. Esses desafios provocaram uma resposta reativa de movimentos mais conservadores, que buscavam estabilizar e reafirmar o controle em meio ao caos crescente.

Os desdobramentos políticos desencadeados pela Revolução de 1910 em Portugal foram cruciais para a ascensão predominante do Partido Republicano Português na Constituinte. Contudo, é fundamental considerar o contexto desafiador que Portugal enfrentava naquela época, com uma indústria incipiente, dispersa e apoiada por mão-de-obra pouco qualificada. Além disso, o setor agrícola operava de forma pouco intensiva, com práticas rotineiras e rudimentares, incapazes de atender plenamente às necessidades básicas de consumo da população.

Durante o início da Primeira Guerra Mundial, vários setores da população portuguesa ainda eram excluídos do direito de participação política, o que provocou um crescente descontentamento e um mal-estar generalizado dentro da República. Nesse contexto, o Partido Democrático emergiu como protagonista nas eleições para o Congresso da República, consolidando sua influência na administração estatal e limitando o acesso de outras forças partidárias ao poder. No entanto, as dificuldades do Partido Democrático em formar alianças parlamentares e lidar com as demandas sociais, aliadas aos impactos da participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial, resultaram em perturbações na dinâmica do sistema de governo.

O surgimento de movimentos contestatórios nas margens do regime, clamando por uma regeneração nacional, culminou em 5 de dezembro de 1917, com uma revolta militar liderada por Sidónio Pais, político e militar português, e apoiada pelo Partido Unionista.

Em 1918, um Decreto previu a implementação parcial de um sistema presidencialista, e o Partido Nacional Republicano, posteriormente denominado Nacionalista, venceu as eleições para o Congresso no mesmo ano, mantendo uma significativa presença de monárquicos e católicos.

Após o assassinato de Sidónio Pais em 1918, Portugal mergulhou em uma crise política intensa, marcada por conflitos entre republicanos e monárquicos. A década de 1920 caracterizou-se por instabilidades governamentais, rivalidades entre as facções de esquerda e de direita do Partido Democrático. Após esses eventos a ditadura foi instaurada com o levantamento militar em 28 de maio de 1926, que abriu caminho a uma ditadura militar.

Nesse período que se iniciava é frequentemente referido como salazarismo, em razão de Antônio de Oliveira Salazar, um ex-professor da Universidade de Coimbra, ser seu principal nome. Em 1928, Salazar foi convidado a assumir a responsabilidade pelas finanças governamentais e, em 1932, ascendeu à presidência do Conselho de Ministros, equivalente à chefia do governo. Em um trecho de seu livro *A ascensão de António de Oliveira Salazar ao poder em Portugal*, António Costa Pinto diz: "Em 1932, Salazar foi nomeado Presidente do Conselho de Ministros. Ele imediatamente começou a implementar um programa de reformas que visava a criar um regime autoritário e nacionalista".

A ascensão de António de Oliveira Salazar ao poder em Portugal em 1932 foi influenciada pelo contexto político europeu da década de 1930. Este período testemunhou a consolidação de regimes de inspiração nazifascista, como a ascensão de Benito Mussolini ao poder na Itália em 1922, Adolf Hitler na Alemanha, em 1933, e Francisco Franco na Espanha, em 1936. Esses eventos refletem uma tendência de autoritarismo e nacionalismo que marcou a Europa naquela época.

Muitas eram as amarras que envolviam os portugueses em sua totalidade, independentemente de serem pintores, escritores, cantores, poetas, ou dançarinos. A nação encontrava-se enredada na ditadura, que ostentava o título de ser a mais longa da Europa continental. Esse regime empregou o PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) para estender sua máquina de vigilância às colônias ultramarinas (África e Ásia), visando suprimir qualquer insurreição considerada "subversiva" ou que desafiasse os princípios ideológicos do governo.

Nesse contexto, a expressão artística era limitada por obstáculos significativos. O Estado Novo imprimia sua marca nas artes, proclamando uma "arte oficial" que servia à ideologia do regime. Diante desse cenário, é imperativo contemplar a ousadia requerida dos artistas que aventuraram-se a afirmar sua arte e defender suas convicções. Além disso, esse panorama se tornava ainda mais desafiador para o Porto, já que o poder centralizava-se

na capital, Lisboa, relegando a segunda maior cidade do país a um papel secundário.

Por essas pressões, boa parte dos cidadãos exilaram-se em outros países. O Brasil foi um dos principais destinos, conhecido como um lugar de oportunidade para estrangeiros. Além de acolhidos, os portugueses que residiam no país tropical tiveram espaço para suas lutas sociais. Antifascistas radicais exilados fundaram, na cidade de São Paulo, em 1956, o jornal Portugal Democrático, e utilizaram esse meio como voz no exílio do Portugal insubmisso, criador, progressista, revolucionário e também um elo importante entre os núcleos e comunidades luso-brasileiras. Radicados em vários países, o jornal apoiava a luta contra o fascismo e o colonialismo. Ao longo de dezoito anos de circulação, um grande número de exilados colaboraram em suas páginas, gente ligada direta ou indiretamente à luta democrática que só teria sucesso na Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974, quatro anos após a morte do próprio Salazar.

DONA MARIA

Dentre as pessoas que experienciaram o governo ditatorial em Portugal e se refugiaram no Brasil, tive a oportunidade de entrevistar a Sra. Maria do Céu Gouveia Coelho, de 89 anos de

idade, vítima da ditadura salazarista e de suas ações repulsivas. Para essa conversa tive apoio de seu filho Edson Gouveia, de 52 anos de idade, um carioca de extrema disponibilidade e educação.

A dona Maria saiu da Serra da Estrela (uma cadeia montanhosa com as maiores altitudes de Portugal) com apenas 13 anos de idade e atravessou o oceano em um navio, de situação precária, em direção ao Rio de Janeiro. Antes de sua chegada, seu pai abriu caminho para o restante da família, se estruturou, conseguiu moradia e trabalho, oportunidades tais que não havia no país luso, devido à crise econômica e política.

Foi em solo brasileiro que ela conheceu seu falecido marido, o Sr. José Maria de Oliveira, vindo de Canelas, Portugal. O português exilado deixou a família em busca de melhores condições de vida e embarcou contando apenas com a sorte, um travesseiro e um lençol em sua mala. O Sr. José foi motorista particular, trabalhou em postos de gasolina, cresceu e até comprou uma quitanda em Niterói, onde conheceu a Sra. Maria, vizinha da quitanda e cliente que comprava verduras. Eles namoraram, casaram e tiveram dois filhos: Edson e Maria, e viveram 56 lindos anos de casados.

Mesmo em meio ao cenário de caos em Portugal, eles sempre acreditaram na reconstrução e recuperação do país natal. Para alegria da Sra. Maria e de muitos outros, hoje ela consegue afirmar que Portugal é um país maravilhoso e próspero, atrativo para muitos brasileiros. Eles se estabilizaram no Brasil e não mais saíram,

mesmo que o Sr. José tivesse o anseio de regressar. De acordo com Edson, Maria de Fátima, a filha do casal afirma o apego que a Sra. Maria tem com sua família: “Mamãe sente muitas saudades de Portugal, mas não sairia do Brasil”. Pelas memórias dela podemos acessar as influências e alterações que o Estado Novo pôde causar na vida daqueles que estavam sob o comando de tal sistema político de dominação.

RESISTÊNCIA NO PORTO

O posicionamento da cidade do Porto em meio à cena política vigente naquela longa ditadura foi de forte oposição, contrariando o regime salazarista das mais diversas formas. O ambiente para essas manifestações críticas de oposição por intelectuais deu-se, principalmente, nos segmentos cultural/intelectual/literário. Enquanto as publicações periódicas e não periódicas eram censuradas durante o Estado Novo, o Suplemento literário Cultura e Arte do jornal O Comércio do Porto se fortaleceu como um espaço de agitação sociopolítica oposicionista a esse Estado, escondendo-se por trás da fachada de ser um diário de cariz conservador, escapando da censura.

O jornal era um caleidoscópio, reunião de vozes e opiniões diversas, tanto da equipe editorial quanto de seus colaboradores intelectuais. Entre esses colaboradores havia figuras notáveis que se

destacavam como opositores ao regime salazarista, incluindo Óscar Lopes, José Régio, Mário Simões Dias, Costa Barreto e Joel Serrão. Dentro das páginas do jornal, várias seções ganharam destaque. "Ronda", sob a responsabilidade da redação, oferecia uma visão panorâmica dos eventos culturalmente relevantes da época, além de destacar prêmios e reconhecimentos concedidos a artistas e intelectuais nacionais. Não havia limites para a variedade de notícias que essa seção abrangia.

A seção "Crítica do Livro", liderada em grande parte por Óscar Lopes, mas também por Mário Sacramento, tinha como missão aprofundar-se nas análises críticas de obras de produção nacional. Aqui, o foco estava em promover e debater a literatura nacional. "Coisas Nossas" era o espaço pessoal de José Régio. Nessa editoria, ele compartilhava suas perspectivas únicas sobre uma ampla gama de tópicos culturais nacionais. As crônicas tocavam em questões que iam além da literatura, explorando a riqueza da cultura portuguesa.

O jornal não se limitava a essas seções, e outras áreas temáticas podiam ser encontradas, formando um mosaico de pensamentos e ideias. Era uma plataforma onde o pluralismo intelectual florescia, com vozes proeminentes expondo suas opiniões e desafiando o status do regime da época.

O futebol emergiu como um poderoso meio de resistência adotado pelo Porto. Este esporte proporcionou uma válvula de

escape essencial para a frustração e descontentamento do povo português em relação ao regime autoritário. Além disso, estrategicamente, o esporte foi empregado para promover valores democráticos e humanistas, atuando como um elo que transcendia barreiras de classe social, religião e etnia.

Times notáveis, como o Sport Comércio e Salgueiros, fundado em 8 de dezembro de 1911 na freguesia de Paranhos, tornaram-se símbolos da resistência antifascista devido às suas ações durante o governo salazarista. Outro exemplo marcante é o Sporting Clube de Portugal, originado por um grupo de jovens que se opunham ao regime, transformando-se em um emblema da oposição política e enfrentando perseguições por parte das autoridades.

Destacando-se na história e, mais ainda, no presente, o Futebol Clube do Porto, fundado em 1893, teve um início modesto que logo se transformou em uma potência no cenário futebolístico português. Essa exposição não só contribuiu para quebrar o isolamento imposto pelo regime, mas também desempenhou um papel fundamental na promoção de valores democráticos e humanistas.

A participação em eventos esportivos internacionais proporcionou aos atletas portugueses não apenas a oportunidade de interagir com atletas de outras nações, mas também os expôs a diversas culturas. A seleção nacional, conforme detalhado no livro *O Jogo Bruto das Copas do Mundo*, de André Galvão e José Manuel Coelho, tornou-se um símbolo da luta contra a ditadura. Sua vitória

na Eurocopa de 1966 foi interpretada como um triunfo do povo português contra o regime, solidificando o papel do futebol como um veículo significativo de resistência e transformação social.

FIM DO REGIME

Com a morte de Salazar, em 1970, o regime começou a enfraquecer, abrindo caminho para o declínio de seu governo. Em 25 de abril de 1974, a Revolução dos Cravos derrubou o regime ditatorial do Estado Novo, um acontecimento marcante na história de Portugal, resultado de um movimento político e social. Essa transformação marcou o retorno dos direitos civis e políticos para o povo português e o início do processo de descolonização na África.

A Revolução dos Cravos foi o levante popular e militar que ocorreu em 25 de abril de 1974, marcando o fim do salazarismo em Portugal que há décadas restringia às liberdades civis e democráticas no país, como o direito de voto. A Revolução foi conduzida principalmente pelas Forças Armadas Portuguesas, especificamente por um grupo de militares que formaram o Movimento das Forças Armadas (MFA). O movimento tinha como objetivos fundamentais a restauração das liberdades democráticas, a implementação de reformas sociais e políticas, e a descolonização dos territórios portugueses em outros continentes. Nesse período conturbado, estabeleceram-se como atores-chave na Guerra

Ultramar ou Guerra Colonial Portuguesa alguns grupos guerrilheiros de libertação, como a União dos Povos Angolanos (UPA), o Movimento Popular de Libertação da Angola (MPLA) e a Frente Nacional de Libertação da Angola (FNLA).

A Revolução foi um marco histórico significativo não apenas para Portugal, mas também para as colônias portuguesas, que obtiveram a independência. O dia da revolução foi marcado por manifestações massivas, especialmente na cidade de Lisboa, onde os civis saíram às ruas com cravos vermelhos, que foram colocados nos fuzis dos soldados, simbolizando a não-violência e a esperança de um futuro pacífico e democrático. O evento resultou na queda do regime autoritário e no estabelecimento de um governo provisório, abrindo caminho para eleições democráticas e para a redemocratização do país.

No ano de 1976, coincidindo com a comemoração do aniversário da Revolução, entrou em vigor a recém-elaborada Constituição. Junto aos direitos civis e políticos, a nova carta magna estabeleceu garantias fundamentais, incluindo o direito à saúde, cultura, educação, moradia, previdência social, entre outros. Atualmente, o dia 25 de abril permanece marcado como feriado nacional em Portugal, reconhecido como o Dia da Liberdade.

PÓS REVOLUÇÃO E A MEMÓRIA

O período pós-revolucionário foi como uma borracha, uma ânsia de apagar o passado que se ligava ao colonialismo e ao fascismo de Salazar. Um silêncio no espaço de memória do povo português. A Guerra Colonial, que marcou a independência da maior parte de seus territórios, sobretudo os de Angola e Moçambique, e que se estendeu entre 1961 e 1974, ganhava forma de lembrança traumática, difícil de ser encarada. Porém, preocupada em repensar a identidade coletiva da nação, a literatura agiu. Como um lápis, ela passou a reescrever e problematizar a história contemporânea de Portugal, afim de vocalizar as memórias com romances, discursos, poesias e testemunhos de ex-combatentes como Fernando Assis Pacheco, Manuel Alegre, António Lobo Antunes e João de Melo, que trazem a público a guerra e seus efeitos no âmbito individual e coletivo do país.

Margarida Calafate Ribeiro, em seu livro *Percursos Africanos: a Guerra Colonial na Literatura Pós 25 de Abril*, publicado em 1988, descreve de forma clara os efeitos da literatura no pós-Ditadura, ao dizer que: “(...) nesta literatura se regressa à África para pela memória refazer o percurso de construção de uma nova identidade pessoal, que o 25 de Abril transformou em coletiva, para preencher as lacunas da história oficial que durante décadas nos dominou, para exorcizar fantasmas, para reescrever a história. Era o regresso

da guerra, com os diários, as cartas, os poemas, com aquilo que sobrevive à catástrofe – o testemunho.”

Dentre esses autores, destaco António Lobo Antunes que emerge como uma figura proeminente dentre os escritores do período, notável por sua posição de destaque no cenário literário português. Nascido em Lisboa em 1942, Lobo Antunes não apenas foi um renomado médico psiquiatra, mas também serviu no conflito em Angola. Sua escrita, profundamente imersa em eventos históricos e experiências pessoais, empreende uma profunda exploração do conceito do "ser português". Com sensibilidade única, ele retrata o tumultuado declínio do império colonial português, buscando simbolizar e traduzir o trauma e o luto resultantes do conflito armado que deixou uma marca indelével em toda uma geração de portugueses e africanos.

Sua experiência como tenente e médico do exército português ao longo de vinte e sete meses, entre 1971 e 1973, deixou uma forte impressão em sua obra inicial, refletida nos primeiros três romances. Lobo Antunes, por meio de uma prosa penetrante e meticulosa, mergulha nas camadas mais profundas da psique humana e da sociedade, revelando as complexidades e contradições que definem a experiência coletiva durante esse período turbulento da história de Portugal.

Em 1979 ele publicou seus primeiros livros de caráter autobiográfico. A obra *Memória de Elefante* foi um deles. Com uma

narrativa introspectiva e complexa, o autor explora as profundezas da psicologia humana. A história é contada a partir da perspectiva de Rui S. Este personagem é um psiquiatra que trabalha em um hospital e lida com pacientes que sofrem de doenças mentais. O livro mescla as experiências de Rui S. com suas reflexões sobre a vida, a morte, a memória e as relações humanas. A narrativa é densa e poética, explorando temas como alienação, isolamento e a fragilidade da mente humana;

Antônio Lobo publicou também, em 1979, *Os Cus de Judas*, uma obra literária de narrativa semi-autobiográfica que descreve as experiências do autor durante a Guerra Colonial Portuguesa, que ocorreu em Angola. O título *Os Cus de Judas* refere-se a um lugar remoto e inóspito, e essa metáfora é usada pelo autor para descrever a experiência brutal e alienante da guerra. A narrativa é intensa e, em parte, expressionista, explorando a brutalidade da guerra e os traumas que ela causa nos soldados. O livro é um relato impactante e muitas vezes perturbador da guerra, mas também é uma reflexão profunda sobre a condição humana, o sofrimento e a solidão.

Nessa obra, Antunes captura a intensidade e a nostalgia que permeiam muitos dos relatos autobiográficos presentes na obra: “E nesta noite, como tantas outras ao longo dos últimos quarenta e três anos, sonhei novamente com África. Não eram apenas os ataques que se iniciavam sempre com o zumbido da metralhadora, a qual os soldados apelidavam de ‘costureirinha’, ecoando ao longo da pista... Nem emboscadas, nem minas, mas simplesmente eu, solitário ao

lado da cerca de arame farpado, perdido em pensamentos sobre Lisboa...”. Este trecho encapsula a essência do conflito interno vivenciado pelo autor, refletindo a profunda angústia de sua busca por identidade e pertencimento, mesmo décadas após os eventos traumáticos que marcaram sua vida.

Por meio de suas narrativas profundamente enraizadas em sua própria experiência de vida, o autor mergulha nas duras realidades opressivas e violentas vivenciadas no campo de batalha em Angola. Ao fazer um retorno à memória, o autor me sensibiliza sobre a importância de acessar o passado e suas formas de memória, mesmo que não seja tão aprazível assim. Relembrar é necessário para encarar o que tentava ocultar e entender a si e ao mundo. A memória serve como um alerta contra a amnésia coletiva e ajuda a prevenir retrocessos democráticos. Manter viva a memória dos desafios superados fortalece a resiliência da democracia diante de ameaças potenciais. Através dos olhos do protagonista, as obras captam e compartilham a complexidade dos traumas e desafios de reintegração familiar e social que permeiam a existência dos ex-combatentes portugueses.

No encerramento deste capítulo, é impossível não refletir sobre o poder transformador da memória, uma força que molda nossa percepção do mundo e inspira a expressão artística. Assim como António Lobo Antunes, que encontrou na intrincada teia de suas lembranças a matéria-prima para suas histórias, reconheço na memória a fonte de inspiração que deu vida a este livro.

Transformar a riqueza das recordações em palavras é como costurar o tecido da experiência, permitindo que as emoções e detalhes se entrelacem de forma única. Neste ato de expressão, encontramos a magia de dar voz às lembranças, tornando tangíveis os fragmentos do passado e encerrando este capítulo com a certeza de que a memória é, verdadeiramente, a semente da narrativa.

CAPÍTULO V



Arte e Cultura

A globalização deixou sua marca na vida cultural das cidades, criando eventos, exposições e tendências que muitas vezes se assemelham, resultando em territórios que, por vezes, parecem cada vez mais homogêneos. Isso é evidente tanto na arquitetura internacional quanto nas soluções comerciais de grande escala. Em diversas regiões do mundo, sistemas de arte contemporânea seguem, em linhas gerais, uma estrutura similar, mas a globalização vai além da simples uniformidade. Ela também incita cada cidade a cultivar uma identidade única, buscando destacar suas características culturais distintas em meio à crescente semelhança.

A relevância relativa das instâncias artísticas, a natureza de suas interações e complementaridades, assim como o grau de internacionalização, apresentam variações consideráveis. Percebemos uma hierarquia clara entre esses sistemas, uma vez que a produção, validação, circulação e comercialização da arte são profundamente influenciadas pelos contextos locais, mesmo em uma era de conectividade global. Em resumo, a globalização, ao mesmo tempo que aproxima, também desafia as cidades a preservarem e destacarem suas identidades culturais individuais em meio ao cenário cultural global padronizado.

Essa diversidade nos sistemas de arte contemporânea reflete não apenas as características únicas de cada região, mas também a

complexa interação entre o local e o global. Em muitos casos, percebemos uma dinâmica onde as instâncias artísticas locais mantêm uma relação intrínseca com a cultura e a identidade regionais, enquanto também se engajam em diálogos mais amplos no cenário global.

Porto ostenta um estilo artístico-cultural único e marcante, com exposições de arte, monumentos arquitetônicos e expressões de arte urbana que complementam sua cena eclética. No entanto, a vibrante cena artística do Porto vai além do visual, sendo a música um elemento fundamental. Diversos estilos musicais portugueses coexistem na cidade, como o popular Hip Hop tuga (um dos mais ouvidos atualmente), o animado pimba (parece o forró brasileiro), o tradicional Cante alentejo (canções corais com narrativas do campo, amor e religião), além de rap, pop e a autêntica música folclórica portuguesa, produzida pelas comunidades no interior. Contudo, destaca-se o fado, um gênero musical emblemático da cidade, caracterizado por suas notas melancólicas. Interpretado geralmente por um solista, acompanhado muitas vezes apenas por uma guitarra acústica, conhecida como guitarra portuguesa, o fado destaca-se por suas letras poéticas, que exploram experiências amorosas e sentimentos mais profundos.

Muitos artistas se apresentam em casas de fado e bares. Foi em um desses momentos que conheci Yvette Soares, uma portuguesa de 30 anos de idade, cheia de personalidade que estava a cantar fado na Capela Incomum (o bar de vinhos). Sua performance é

totalmente autêntica e sua voz é marcante, alcançando tons bastante agudos, e seu figurino é sempre impecável.

“Eles dizem que sou a portuguesa mais brasileira que eles conhecem”, compartilhou a cantora sobre as reações do público durante suas apresentações. Yvette conta que mergulhou no mundo da música de maneira imprevisível. Desde a infância, os familiares apostavam que seu destino seria o balé, dada sua notável aptidão. Fez parte de uma das maiores escolas de salão no Porto e continuou a explorar a dança até a adolescência. Contudo, aos 14 anos, uma brincadeira durante a celebração dos anos de casados de seus bisavós revelou uma paixão inesperada.

Conhecendo a predileção de seus bisavós pelo fado, ela decidiu se vestir como a lendária fadista Amália Rodrigues, utilizando xale e óculos gigantes, características marcantes da cantora. Ao realizar um playback descontraído, a reação da plateia foi surpreendente. As risadas e os comentários encorajadores sugeriram algo inusitado: "Tu podias tentar cantar fado, porque tu, jeito tens", diziam.

Intrigada pela sugestão, ela escolheu um dos fados que considerava mais belos, intitulado "Foi Deus", e decidiu experimentar. O resultado foi uma paixão instantânea pelo fado. Mais tarde, ao visitar uma das renomadas casas de fado no Porto, o dono, ao vê-la, fez a pergunta que mudaria seu destino: "Tu cantas fado, não cantas? Queres experimentar e vir cantar aqui."

A partir dos 15 anos, ela ingressou no Circuito de Fadistas no Norte de Portugal, onde encontrou muitas casas de fado de qualidade, mesmo sendo Lisboa mais conhecida e consagrada pelo ritmo típico de Portugal. Ela acredita que foi contratada não apenas por sua habilidade no fado, mas também por sua presença visual única. Com humildade, ela confessa: "Sinceramente, porque cantar bem eu não cantava fado. Esta é minha opinião."

Sentindo a necessidade de aprimorar sua técnica vocal, ela persuadiu a mãe a matriculá-la em aulas de canto. Sua motivação era alcançar o nível das colegas, mulheres de 30/40 anos com vozes potentes capazes de cantar uma noite inteira. Mesmo ganhando cachê, ela enfrentava o medo e a insegurança por não ser uma profissional. Aos 16 anos, por recomendação da escola, ela procurou um professor de canto, inicialmente visando melhorar sua performance no fado. No entanto, esse professor, ao longo do tempo, introduziu-a no mundo do jazz, proporcionando-lhe aulas de canto livre baseadas nesse estilo musical. Em Portugal, onde as vertentes de jazz e lírico são predominantes, ela encontrou um novo caminho para desenvolver sua voz e expressão artística.

Ela escolheu a vertente do jazz para obter mais liberdade em diferentes estilos. Pouco tempo depois, seu professor sugeriu que ela se afastasse um pouco do fado em termos de aprendizado, incentivando-a a explorar outros gêneros, como jazz e blues. Aos 18 anos, enquanto estudava na Universidade de Bragança, ela formou sua banda, mas a distância entre Bragança e o Porto tornou difícil

manter seu envolvimento nas casas de fado locais. Infelizmente, essa incompatibilidade a fez desistir do fado, mesmo apreciando profundamente a expressão artística.

Sua saída do fado não foi apenas por questões logísticas. Ela já se destacava como uma fadista única, sem usar xale e com uma abordagem vocal distintiva. Essa singularidade a tornou mal vista por alguns apreciadores tradicionais do gênero musical. Assim, diante dessas incompatibilidades, ela optou por se afastar do fado e dedicar-se à sua banda, que existe até hoje, completando uma década de trajetória.

A banda, inicialmente atuando nos Colvas – nome da banda da Yvette, consolidou sua identidade musical ao introduzir elementos inovadores, como o cajon como instrumento de percussão, e explorar versões inesperadas de músicas. Diferentemente de outros artistas em Portugal que optam por canções populares garantidas, Yvette e sua banda arriscam-se em músicas menos conhecidas, até mesmo introduzindo covers de composições brasileiras, como o clássico *Não Deixe o Samba Morrer*.

Ao longo dos anos, a banda decidiu dar um passo além, começando a criar suas próprias músicas. Mesmo enfrentando desafios no streaming, eles prosperam em apresentações ao vivo e na estrada. Sem o respaldo de uma editora ou agência, eles contam com a divulgação boca a boca. Tocam em diversos locais, desde

bares e restaurantes até hotéis de luxo e grandes palcos em festas da cidade e festivais.

Ao ganhar dinheiro com suas apresentações, eles adotaram uma abordagem colaborativa, dividindo o cachê entre os membros da banda e investindo em equipamentos de som de alta qualidade. Acreditam que uma mensagem só pode ser transmitida corretamente com bons materiais. Com um carrinho para suas viagens, eles exploraram outras regiões, incluindo o Algarve, onde desafiaram as expectativas tocando músicas e covers em pontos turísticos. Enfrentando a saturação de temas populares no verão, eles decidiram levar a cultura portuguesa aos estrangeiros, ganhando reconhecimento e se tornando uma experiência marcante na vida da vocalista Yvette.

Enfrentando o desafio de inserir suas próprias músicas e covers portugueses, a banda optou por uma abordagem autêntica. A receptividade calorosa dos habitantes locais contrastou com a surpresa inicial dos estrangeiros, que logo se encantaram com a proposta única da banda. Yvette, com sua presença magnética e comunicação expressiva no palco, não só conquistou os ouvidos, mas também os corações do público, proporcionando uma experiência verdadeiramente memorável.

“Os estrangeiros olharam para nós, primeiro estranharam e depois entranharam rapidamente. Muitos deles diziam que não percebiam nada do que estávamos a dizer, mas sentiam”, relata

Yvette. Em suma, a história dessa cantora portuguesa é uma narrativa inspiradora sobre a busca da autenticidade, a superação de desafios e a evolução artística, destacando o papel central da música na expressão cultural e na criação de experiências significativas para o público.

MOVIMENTO

Desde que me lembro de existir neste mundo, sou uma fervorosa entusiasta, admiradora e criadora de arte. Explorei aulas de teatro, canto, dança e instrumentos musicais, e ainda alimento o desejo de desbravar o universo das artes plásticas. Essas habilidades são a energia pulsante que impulsiona meu catalisador criativo.

No Porto, tive o privilégio de me envolver em diversas atividades artísticas. Uma das experiências mais inesperadas e emocionantes foi minha participação como atriz em um curta-metragem intitulado *Aflame*. Este intrigante thriller psicológico foi produzido pela Tudo é Filme e dirigido pelo Ventana, proporcionando-me vivências únicas e intensas.

Além disso, fui parte integrante da produção de um curta chamado *De Passagem*, realizado em colaboração com amigas da universidade. Também exploramos o gênero do thriller psicológico

e essa experiência foi particularmente enriquecedora, permitindo-me desempenhar o papel de produtora cultural e participar de todas as fases do processo de produção.

Destaco ainda um documentário específico, fruto da colaboração com a equipe mais afinada de trabalhos acadêmicos e, sem dúvida, a mais animada que a Universidade do Porto me proporcionou. O grupo, embora sujeito a variações ocasionais conforme as orientações dos professores, tinha uma base sólida composta por companheiras incansáveis: Karol (minha colega de quarto e companheira de jornada), Rita (verdadeira portuense, professora de balé que se divertia com a expressão brasileira "filha d'uma éguaaaaa") e Marta (portuguesa, sempre tranquila e com um lanchinho à mão). Juntas, atravessamos desafios, risadas e, acima de tudo, compartilhamos a paixão pela criação artística.

O âmago do documentário mergulhou na história e trajetória de Kaueh Costa, um bailarino brasileiro de apenas 19 anos que conquistou a oportunidade de integrar o corpo de artistas da prestigiosa Companhia de Dança INTRANZYT. O primeiro encontro ocorreu enquanto ele dançava nas movimentadas calçadas da Rua Santa Catarina, a mais conhecida do Porto. Sua performance, inspirada pela cultura coreana e marcada pela apresentação de diversas coreografias de grupos como BTS, prendeu minha atenção por um tempo significativo. Foi tempo suficiente para termos a certeza de que ele seria o protagonista ideal para o nosso projeto.

Kaueh é um jovem de cabelos castanhos e um sorriso contagiante. Nosso bailarino possui uma história e tanto e conta que desde os seus 4 anos de idade já demonstrava amor pela música em geral, especialmente por artistas como Xuxa, Aline Barros e grupos musicais como High School Musical. As coreografias, a música e a diversão presentes nas performances encantavam o jovem. Há relatos, inclusive, de Kaueh, aos 12 anos, indo para a frente da caixa de som da escola para dançar sozinho (até hoje ele ama uma plateia).

Após sua mãe tê-lo flagrado dançando escondido diversas vezes, ela lhe perguntou se gostaria de tentar o sonho de dançar profissionalmente. Como um verdadeiro entusiasta, o jovem bailarino não hesitou. Diante dos desafios financeiros que enfrentavam, decidiram buscar bolsas de dança. No entanto, naquela época, o balé não era a principal alternativa de Kaueh, que simplesmente queria dançar, sem ter uma clara definição em mente sobre os diferentes estilos de dança. O jazz foi o gênero que mais o atraiu, embora tenha inicialmente ingressado no balé; alguns meses depois, começou a explorar o jazz.

Em sua primeira experiência em uma escola de dança, Kaueh participou de uma aula experimental sem expectativas de ingressar na instituição devido aos custos elevados. No entanto, logo após essa aula, capturou a atenção da professora, que o convidou a permanecer, oferecendo-lhe uma bolsa integral, embora não incluísse outros custos, como trajes e despesas de espetáculos. Um

patrocinador que ele recorda com imenso carinho é um amigo de sua mãe, que desempenhou papel vital no início de sua carreira. Durante 10 anos, Kaueh manteve uma bolsa integral, e ao longo do tempo conseguiu obter patrocínio para os demais custos associados à carreira de um bailarino, incluindo competições e espetáculos que exigem figurinos, sapatilhas, viagens, entre outros.

Kaueh compartilha não apenas como sua mãe o encorajou, mas também como dedicou esforços incansáveis para concretizar seus sonhos. Ele contou com o apoio fundamental de dois financiadores principais: a empresa de PetShop Vida de Cão, onde sua mãe trabalhava, e Luiz, um advogado e empresário notável, especialmente por financiar as viagens mais significativas e cruciais para a carreira do artista, incluindo a que o trouxe para Portugal.

Sua mãe, incansável na busca por oportunidades, participava ativamente de reuniões com grandes empresas, atrás de patrocínios que possibilitassem o avanço da jornada artística de Kaueh. Ele destaca o espírito resiliente dela, afirmando: "Minha mãe pode enfrentar todos os problemas do mundo, mas jamais permitiu que os sonhos se esvaíssem de nosso lar. Houve um momento em que enfrentamos uma situação financeira terrível, nos mudamos para a casa de minha avó. Mesmo assim, minha mãe, com abnegação, sacrificava suas próprias refeições para garantir que eu tivesse uma sapatilha e para suportar todas as despesas necessárias. Ela fez isso para que eu e meu irmão pudéssemos vivenciar a melhor experiência possível."

O exemplo na vida do nosso bailarino não é um incidente isolado, mas sim um espelho de uma realidade compartilhada por muitos que optam por dedicar-se à arte. A cultura, como um dos pilares fundamentais da civilização, necessita da segurança e legitimidade que são inerentes a outras profissões. Essa constatação é reforçada por João Matias em seu livro *A Arte e o Conhecimento: Uma Perspectiva Epistemológica*, ao afirmar que "há um consenso de que o desenvolvimento da criação artística está intrinsecamente ligado ao progresso cultural, social, político, econômico, técnico, entre outros. Assim, a arte se revela como uma destilação de inúmeras visões de mundo e cosmologias, com implicações conceituais e epistemológicas."

A presença da arte e do artista desempenha um papel fundamental e multifacetado na sociedade, atuando como um veículo poderoso para a transmissão de ideias, emoções e mensagens que frequentemente resistem a outras formas de expressão. Contudo, apesar de sua extrema relevância, as produções culturais enfrentam obstáculos significativos em seu desenvolvimento, que demandam tempo, recursos, equipes qualificadas e ampla rede de contatos, estratégias de médio e longo prazo.

"Eu quero futuramente trabalhar nessa questão cultural do Brasil e ajudar a contribuir com esse lado", expressou Kaueh. No entanto, ao considerar sua experiência artística em Portugal, ele compartilha uma visão mais desafiadora. "A minha questão

artística em Portugal é um pouco vago. Não há muito benefício de trabalho artístico."

Essas falas de Kaueh ressaltam os desafios enfrentados pelos artistas, não apenas no Brasil, mas também em contextos internacionais, como Portugal. Isso ilustra a complexidade de se dedicar à arte, onde as perspectivas de contribuição cultural podem variar significativamente.

A arte, conforme destacado, transcende a mera estética e desempenha papéis cruciais na sociedade. Além de sua função como entretenimento, a arte é um instrumento valioso para promover a inclusão social, influenciar a esfera política, contribuir para a construção da cidadania e enriquecer o processo educativo. Apesar da inegável capacidade da arte em proporcionar alegria e felicidade, as palavras de Kaueh também evidenciam a realidade desafiadora que muitos artistas enfrentam em relação aos benefícios tangíveis de seu trabalho, especialmente em territórios onde o reconhecimento e suporte para a expressão artística podem ser limitados.

Apesar dos desafios, o dançarino atravessou o oceano. A decisão de ir para Portugal foi uma surpresa monumental, algo que Kaueh nunca poderia ter previsto. Em janeiro de 2018, ao fazer testes para uma competição em Joinville, um dos principais festivais internacionais do Brasil, e para o Seminário Internacional de Dança de Brasília, sob a direção de Gisèle Santoro, ele não apenas passou em ambos, mas também se destacou. No entanto, no

caso de Joinville, embora tenha avançado para o palco aberto, não passou para a fase principal. Diante dessa situação, surgiu a opção do Seminário, que oferecia um custo-benefício mais favorável, proporcionando três semanas de aulas e a oportunidade de competir.

Na competição, Kaueh ficou entre os cinco últimos finalistas, uma conquista notável considerando que era o participante mais jovem em sua categoria. Durante a gala, evento de encerramento, anunciaram bolsas de estudo. Para sua surpresa, ele recebeu uma bolsa para Minas Gerais, para participar do America Grand Prix (YAGP), considerado o maior festival de balé do mundo, outra para um summer nos Estados Unidos e a terceira consistia em três anos de ensino profissional em Portugal, concluindo o ensino médio enquanto se profissionalizava em dança. Ao ouvir essa notícia, Kaueh recorda: "Quando ouvi isso, subi ao palco com a cabeça explodindo, pois fomos a esse seminário sem expectativas, indo mais pela experiência, por conta de sua idade."

Ao término do evento, imediatamente ligou para sua mãe exclamando: "MÃE, EU VOU PARA PORTUGAL." Desde a infância, alimentava o sonho de dançar profissionalmente, impulsionado por influências cinematográficas como High School Musical, aquela visão encantadora de um ensino médio musical dançante. Com apenas 14 anos na época, ele se viu diante do desafio de organizar uma mudança internacional, pois em cinco

meses estaria realizando seu sonho e embarcando em novos horizontes.

Desde então, ele tem se destacado, participando ativamente de diversos festivais e competições na Europa, inclusive contribuindo para um videoclipe musical de um Girl Group New Jeans, Super Shy.

A história de Kaueh destaca as complexidades enfrentadas pelos artistas, ilustrando a busca por contribuição cultural no Brasil contrastada com desafios percebidos em territórios estrangeiros. Além disso, ressalta o papel crucial da arte na sociedade, indo além da estética para desempenhar funções essenciais na inclusão social, esfera política e educação. Sua jornada reflete a importância da persistência, apoio familiar e paixão na busca dos objetivos artísticos.



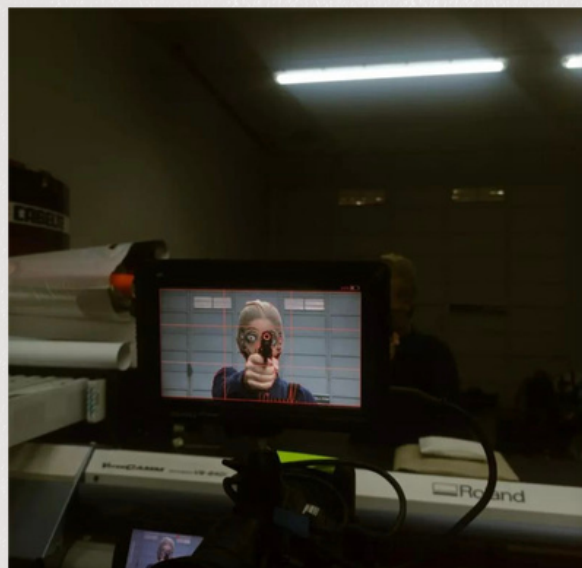
ARTISTA NA ESQUINA DA MINHA
CASA, NA BOAVISTA, NO PORTO



KAUEH, BAILARINO
TALENTOSO E SORRIDENTE



QUANDO ESTOU ATUANDO, SINTO QUE
POSSO SER QUEM EU QUISER SER!



LUZ, CÂMERA, AÇÃO!



PAUSA PARA RETOCAR A
MAQUIAGEM NO CURTA "AFLAME",
ONDE FUI UMA DAS ATRIZES



A ARTE QUE EMBELEZA AS
RUAS DA CIDADE INVICTA!

Guerra de Amar

CRÔNICA QUE ESCREVI DURANTE MINHA PASSAGEM
PELA INVICTA, PARA QUE EXPERIENCIE O MOMENTO
EM QUE O PORTO DESPERTOU A POESIA EM MIM.



Como um disparo, você seguiu. Obstinado, irreversível, seco. Eu... ainda não... Continuei imóvel, como quem espera a carta de um soldado que foi para as trincheiras. Me esforçando para manter a casa em ordem, aprendendo novas receitas, pendurando fotografias nas paredes.

Na incerteza da nossa vitória sobre a indiferença ou da destruição do meu território em teu peito, precisei sair. Vi o mundo lá fora: bailes, desfiles e festas de verão. Em ato revolucionário, comecei a tomar grandes decisões, exerci meus direitos e gerei meu próprio sustento. Permiti a experiência, o conhecimento do novo e me saciei com quem sou. Fui intensa, suave, cuidando para não pôr em risco o amor guardado para si.

Tinha esperança, esperava sua volta. Até com o carteiro discuti: “Seu Mark, tens a certeza de que não se esqueceste da minha carta?”. Já se passara um mês...

As notícias que saíram informaram o estado de horror: ataque nuclear, invasões, muitas perdas e destruições. Soube do insucesso da guerra. Eu sinto muito. Já se passaram 2 meses...

Com a nova fase, temi não ser o conforto que precisavas ou fazer um papel que não me convinha, então me afastei. Busquei distrações no máximo de atividades, até nos esportes entrei. Conheci novas pessoas, lugares e quase amores. Enganei-me tão bem que esqueci de te esquecer, pois o havia perdido em algum lugar dentro de mim.

Egoísta, deixei o tempo falar. O maldito, apenas resmungou: “tic-tac”. Com seus pesados ponteiros esmagou e reduziu nossas memórias ao pó. Cantar olhando nos olhos, levar flechada do teu olhar. Sorrisos, lágrimas. Descanso, carinho.

Penso que essa foi a resposta do tempo que como um alarme me acordou. Desperto, como de um sonho. Ouvindo o regresso dos trens barulhentos, soltando fumaças escuras ao ar. Você regressará! Já se passaram 5 meses.

Na estação, em meio à multidão, meus olhos te encontraram fora e dentro de mim. Ondas de sentimentos reprimidos inundaram meu coração. Não podia mais negar o quanto te amava. Tinha tanto para te dizer, tanto para te ouvir, tanto para consigo fazer.

Seus cabelos negros me guiavam, com o pulsar incontrolável do peito e com os pés trêmulos vagarosos, fui ao seu encontro. Estava decidida a não lutar mais, encerrar essa batalha de resistir ao amor. Era hora de vencer o medo, me permitir, correr para os seus braços e ser inteira novamente!

Mas era tarde demais.

Seus olhos não me encontravam. Apenas fugiam e se escondiam, me despindo, mas não de cetim. Miravas outro alguém que aparentemente merecia seu esforço, sua renúncia e tentativa. Trouxeste uma bagagem impossível de partilhar.

Como de costume, fiquei imóvel. Corei com o vento frio de outono soprando em meu rosto, queimando a superfície da pele, mas

nada doía mais que o fim. Relembrei o medo que tinha de te perder em combate, mas para meu pesadelo sua indelicadeza me matou.

Agora, pela janela vejo o muro que nos separa. De aliados nos polarizamos. Tinha dúvida do que tudo isso se tornaria, um sentimento vivido ou vívido. Vivemos tudo isso, na velocidade de um disparo, com efeitos de uma guerra fria.

Essa é minha última carta.

Este livro foi composto em Book Antiqua para textos, Walter Turncoat para subtítulos e Berton para títulos. Produzido em novembro de 2023.

Todos os direitos do ebook estão reservados à autora.

SOBRE A AUTORA

Mariana Brandão é uma jovem de 22 anos, que emerge como uma escritora vibrante e apaixonada, trazendo consigo a essência de Goiânia, sua cidade natal. Graduada em Jornalismo pela PUC-Goiás, Mari, como é carinhosamente chamada, é uma entusiasta da comunicação e produção cultural, campos que moldaram sua perspectiva única sobre a arte da escrita.

Sua jornada literária começou nos versos poéticos, mas foi nas crônicas que ela descobriu sua verdadeira voz como escritora. A escrita, para ela, transcende o ato de colocar palavras no papel; é a capacidade de transformar o ideal em realidade, de dar vida a pensamentos e ideias, muitas vezes desconhecidas até por ela mesma, que ganham vida quando entrelaçadas nas páginas de suas crônicas.

"Minhas Memórias, Casa Portuguesa" é uma jornada de autodescoberta e expressão. Mari, impulsionada pelo amor à escrita, encontrou inspiração em uma profunda e genuína experiência de vida. Seu período de intercâmbio em Porto não apenas marcou uma mudança geográfica, mas também se tornou a força motriz por trás da obra, uma tentativa de imortalizar as vivências transformadoras e, ao mesmo tempo, uma forma de lidar com o luto de um sonho realizado, mas não completamente.



